ILUSTRAÇÃO

A MÚSICA

Quadro de Ducis — Gravura de Boilly (Museu do Luxemburgo)

Maria Stuart, no seu palácio de Holy-Rood-House, na Escócia, executa ao cravo, acompanhada pelo seu favorito David Rizzio, uma romanza em que exprime a sua mágua por deixar a França

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 3o – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Uma chavena d'
'OVOMALTINE'
pela manhã
dá energias para um
dia de trabalho
ao deitar
assegura um sono
tranquilo e natural.

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata
DR. A. WANDER S. A. – BERNE
ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:
ALVES & C.ª (IRMÃOS) – RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º – LISBOA

À VENDA
o 5.º volume
CAMÕES LÍRICO
(CANÇÕES)
PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**
Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa
1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **14$00**
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

PRODUTOS

Os cuidados necessários para que a beleza se mantenha, são delicados e requerem uma escolha judiciosa de produtos, destinados a conservar a frescura e o encanto da juventude.
Os produtos de **M.me Campos, Rainha da Hungria, Yildizienne, Rosipôr, Oly, Rodal, Mystik,** etc., são excelentes preparados que conforme a natureza da epiderme, assim devem ser usados. Para cada caso especial da sua pele ou correcção de formas. Consulte-nos e peça catálogos.
ESTABELECIMENTO CIENTIFICO DE CULTURA ESTETICA
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
Av. da Liberdade, 35 LISBOA Telef. 2 1866

A Beleza do Rosto *graças aos* **Calices das Flôres**

Por acaso, as mulheres que trabalhavam, no Sul da França, na preparação de perfumes, descobriram as surpreendentes propriedades de embranquecer a pele, com uma cera pura e virgem, extraída do cálice das flores. Empregada à noite antes do deitar, esta substância untuosa, chamada CIRE ASEPTINE, amolece a camada externa rugosa da pele, que se destaca e cai em finas partículas. De manhã, revela-se a nova beleza natural duma pele branca e fresca, escondida até então. Os pontos negros, poros dilatados, sardas e outras imperfeições da tez desapareceram. A Cire Aseptine apaga ràpidamente as rugas e marcas da idade, e atavia uma pele sombria e crivada de manchas, duma juvenil e indiiscritível beleza. Não sòmentte se pode aplicar sôbre o rôsto, mas é como um Banho Mágico de Beleza para os ombros, os braços e as mãos.
Pode V. Ex.ª, agora, obter esta pura Cire Aseptine nas Perfumarias e boas casas do ramo.

Não encontrando, dirija-se à AGÊNCIA ASEPTINE — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio. É de emprêgo fácil e dos mais baratos.

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

à venda o 3.º milhar

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosália — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o «Greco» — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata . . . . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **14$00**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

ESTÁ À VENDA A

7.ª EDIÇÃO — 11.º milhar

LEONOR TELES

"FLOR DE ALTURA"

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 334 págs., broc. . . . . **Esc. 12$00**
Pelo correio à cobrança . . **Esc. 14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.ª edição de

NEVES DE ANTANHO

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Côrte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Sóror Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . **12$50**
Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE APARECER

Orações e Conferências

de CARLOS MALHEIRO DIAS

1 vol. de 176 págs., broch. . . . . **8$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **9$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos
Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — **Alexandre Herculano,** um volume. — **Antero de Figueiredo,** um volume. — **Augusto Gil,** um volume. — **Camões lírico,** cinco volumes. — **Eça de Queirós,** dois volumes. — **Fernão Lopes,** três volumes. — **Frei Luís de Sousa,** um volume. — **Guerra Junqueiro,** verso e prosa, um volume. — **João de Barros,** um volume. — **Lucena,** dois volumes. — **Manuel Bernardes,** dois volumes. — **Paladinos da linguagem,** três volumes. — **Trancoso,** um volume.

Cada volume brochado. . . . . . **12$00**
Cada volume encadernado. . . . **17$00**

Pedidos à
Livraria Bertrand
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Prémio Ricardo Malheiro

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:
O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12$00** enc. . . **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado..... 10$00
Eurico, o presbítero, (Romance). — 388 páginas, brochado..... 10$00
O monge de Cister, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado..... 96$00
Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado 10$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado..... 30$00
Composições várias — 374 páginas, brochado..... 10$00
Poesias — 224 páginas, brochado..... 10$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado..... 20$00
Opúsculos:
Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
» II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
» III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
» IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
» V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
» VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
» VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
» VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
» IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
» X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas
Cada volume, brochado..... 10$00
Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12$00

Com encadernação em percalina, mais 5$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PRÉMIO RICARDO MALHEIRO (1936)

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12$00; encad. Esc. 17$00; pelo correio à cobrança mais 1$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Feliz
e sem dôres
graças á

Cafiaspirina BAYER

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR **ISALITA**

1 vol. encadernado com 351 págs., **25$00**

Depositária: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca**

Um formosíssimo volume ilustrado
6$00

Depositária: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 268 — 12.º ANO
16-FEVEREIRO-1927

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A MORTE DE CARNAVAL

COM grande mágoa da gente moça e também de alguns velhos, acaba de falecer o Carnaval, ao cabo de três ligeiros dias de pouco sofrimento. Quási uma *angina pectoris*, por fortuna sua.

Grande parte da população lisboeta, respirou ao ver transportar êsse ignóbil cheché doutras eras que se dera ares de acompanhar a civilização, mascarando-se de pessoa séria, inteligente e ponderada. O velho tonto não se apercebia de que, à semelhança do burro da fábula, encobrira as orelhas disformes, na intenção de passar por cavalo de raça, disfarce efémero e ridículo, pois dali a pouco se denunciava com o seu zurrar atroador.

Das duas, uma: ou há Carnaval ou não há Carnaval. Se não há, ainda bem para as pessoas pacatas que detestam mascarados e se contentam com êste bailado carnavalesco que é a vida. Se há Carnaval, então deixem-no saír desenfreado, para o meio da rua, a emporcalhar o fato dos pacíficos transeúntes que nada têm com os divertimentos alheios, e a vasar um ôlho ao primeiro incauto que se aventure a pôr o pé fora de casa nesses turbulentos dias.

A-pesar-de nos desagradar a selvajaria do Entrudo, se nos fôsse dado decidir sôbre a sua sorte, não a aboliríamos. Respeitando a tradição, deixaríamos o velho Carnaval à vontade durante os três dias do seu curto reinado, com tôdas as suas sujidades e todos os seus excessos. Se, na quadra invernosa, as povoações ribeirinhas contam corajosamente com as inundações, sem arredar pé, não seria exigir de mais que todos enfrentassem esta inundação de disparates com verdadeiro estoicismo.

Não sabemos o que os nossos românticos avós diriam da selvática entrudada do século XVI, mas deveriam ter, pouco mais ou menos, a mesma opinião que hoje temos acêrca dos chechés de há meio século. O primoroso desenho que ilustra esta página é do grande Gavarni, e representa a entrada da sala de baile da Ópera de Paris, na noite de Terça Feira Gorda.

Mas francamente, francamente... se consultarmos bem o fundo da nossa alma, encontraremos sempre uma réstea de saüdade até por aquilo que nos foi desagradável.

Henrique VIII, de Inglaterra

OS ESPINHOS DA REALEZA

QUANDO OS REIS AMAM

Á MARGEM DAS REGRAS SEVERAS DO PROTOCOLO

Se Eduardo VIII pretendesse desculpar-se dos seus amores com a senhora Simpson, bastar-lhe-ia citar alguns dos muitos precedentes abertos na História de todo o Mundo e de todos os tempos.

O exemplo do seu nobre antecessor Jorge IV seria mais do que suficiente.

Sendo ainda príncipe de Gales, encontrou, certo dia, Mrs. Fitz-Herbert, duas vezes viuva, mas ainda na pujança dos seus 28 anos. Não desejando uma união livre, visto que, habituada ao matrimónio, pretendia casar novamente, soube conduzir as coisas nesse sentido. E, assim, o casamento foi celebrado no seu próprio salão de Park Lane, tendo como únicas testemunhas seu irmão e seu tio.

Seguindo ainda o velho preceito que aconselha a mulher a seguir o marido a tôda a parte, não hesitou em entrar nas tavolagens e nas tabernas, visto que o futuro Jorge IV era muito dado a tais divertimentos.

Victor Emmanuel II, de Itália

Foi uma vida de pândega rasgada que veio a terminar em 1803 por um incidente desagradável. Numa recepção que o príncipe de Gales dera ao conde de Provença, futuro Luís XVIII, a esposa do príncipe soube que não lhe havia sido reservado lugar à mesa. Tomando isto como um aviso, retirou-se para a sua casa de campo, e ali acabou os seus dias sem tornar a ver o marido.

Mas há mais exemplos:

Henrique VIII desejou tão ardentemente desposar Ana Bolena que não hesitou em repudiar a sua esposa legítima, a orgulhosa Catarina de Aragão. Uma tal atitude desagradou ao Papa que tentou impor, a todo o custo, a sua autoridade. O soberano inglês não apresentava razões suficientes para a anulação do seu matrimónio. À semelhança de outro rei — D. Pedro I de Portugal — deixara-se cativar pelos encantos duma açafata de sua mulher. O monarca português, a-pesar-de impetuoso e senhor da sua vontade, ainda teve o bom senso de esperar que a esposa legítima se finasse para tornar pública a sua ardente paixão.

Henrique VIII foi mais longe. Fez decretar o divórcio sem se preocupar com as conseqüências. Seguidamente, fixou a data dos seus esponsórios com Ana Bolena, entrando, portanto, em luta aberta contra Roma. O casamento havia de realizar-se, fôsse como fôsse, e sucedesse o que sucedesse.

Se Roma se recusava a celebrar esta união, seria celebrada sem Roma, graças aos bons ofícios do arcebispo de Canterbury. (Vê-se que nestes tempos o venerando prelado britânico era mais condescendente do que o actual).

Estava formada a Igreja Anglicana, e o rei seria o seu chefe!

Graças aos belos olhos duma graciosa morena, operou-se a mais formidável reforma na cristandade de todo o Mundo!

Tudo levava a crer que surgira para essa açafata arvorada em rainha, um límpido e glorioso futuro... Dessa união nascera uma menina que deveria tornar-se mais tarde a famosa Isabel de Inglaterra.

Entretanto, uma outra açafata, Joana Seymour espreitava na sombra o seu momento de triunfo. Se a sua colega, sendo de humilde condição, conseguira fascinar o soberano, porque não havia ela de tentar também exercer a mesma fascinação, tanto mais que possuía grandes dotes de beleza?

Embora o rei reparasse nela, não parecia muito disposto a repetir o divórcio. Ana Bolena era linda! E o apaixonado monarca parecia rever-se, mais do que nunca, nos grandes olhos negros da sua adorada esposa. A terrível Joana Seymour tentou então o golpe decisivo com a mais ervada das perfídias: acusou a rainha de adultério, e, reünindo algumas vagas provas que a má vontade da côrte se apressou a fortalecer, a desditosa soberana subiu ao cadafalso.

Outro exemplo curioso deu-o Luís XIV quando, quási cinqüentenário, encontrou no seu caminho a senhora de Maintenon, três anos mais velha do que êle.

O tzar Alexandre II, da Rússia

A Maintenon nascera numa prisão de Niost, onde seu pai, condenado por crime de moeda falsa, cumpria pena. Orfã aos dezasseis anos, precisava de tratar da sua vida. Não desejando entrar para um convento, consentiu em casar-se com o poeta Scarron, velho e doente, tendo sido para êle apenas uma desvelada enfermeira.

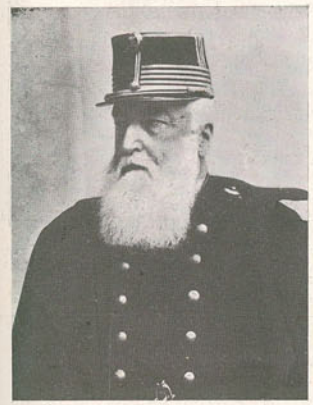
Enviuvando, viveu num quási completo isolamento até lhe ser conferido o cargo de preceptora dos filhos do rei e da sua favorita Montespan. Não tardou que o rei se sentisse atraído pelos encantos da Maintenon, e a tal ponto manifestou a sua inclinação, que a Montespan, furiosa de ciúmes, pôs em acção todo o seu arsenal de venenos.

Entretanto, o soberano, para ganhar tempo e consolidar os alicerces do seu projecto, concedeu à viuva Scarron, além do título de marquesa, o castelo de Maintenon.

Assim foram decorrendo êsses amores, até que, após seis meses da morte da rainha, o soberano se decidiu legalizar uma tal situação. Numa fria noite de Janeiro de 1684, era celebrado secretamente, na capela do palácio de Versalhes, o casamento de Luís XIV com a Marquesa de Maintenon.

Nesta galeria de esposas morganáticas não podemos esquecer a simpática Catarina Dolgorouki que se tornou a mulher do tzar Alexandre II.

Não querendo desagradar à imperatriz, Alexandre II dissimulou sempre, tanto



Leopoldo II, da Bélgica

quanto possível, a enorme paixão que sentia pela formosa Catarina Dolgorouki. Logo que enviuvou, o imperador desposou-a morganàticamente, dando-lhe o título de princesa de Juriewsky.

Esta felicidade terminou com o horrível atentado de 31 de Março de 1881.

Aludiremos também ao rei Leopoldo II da Bélgica que passou os mais deliciosos anos da sua vida com a baronesa de Vaughand que teve artes de fixar o real apaixonado, a-pesar-da sua volubilidade tradicional.

Quem era esta afortunada dama? Chamava-se Blanche Lacroix, e era filha de um modesto desenhador francês. Logo que conquistou as boas graças do rei, não lhe foi difícil instalar-se no castelo de Lhormois, onde o ilustre namorado a visitava assiduamente. E quando lhe era impossível ir vê-la, o soberano pedia-lhe que viesse ela vê-lo a Laeken. Para facilitar-lhe a presença na côrte, concedeu-lhe o título de baronesa de Vaughand.

O povo belga, dando largas ao seu bom humor, tratava a baronesa de Vaughand por "imperatriz do Congo».

O casamento secreto de Luiz XIV, de França, com a Maintenon

Isso não impediu que o rei levasse por diante o seu propósito.

Sentindo-se doente, Leopoldo II chamou junto do seu leito a bem amada baronesa, sendo o casamento efectuado *in extremis*.

Vem a propósito lembrar que o rei Alberto I, sobrinho de Leopoldo II, subiu ao trono belga, devido a uma fatalidade. Era filho do conde da Flandres que, como irmão do rei da Bélgica, renunciou à corôa a favor do príncipe Baudouin. Êste, dado a aventuras perigosas, requestou certa dama casada, e, sendo surpreendido pelo marido, pagou com a vida o seu audacioso capricho, o mesmo sucedendo à esposa infiel. Passou-se isto em 1891.

Citaremos também a interessante aventura do rei Victor Emanuel II de Itália, cujos sentimentos amorosos tomavam por bitola, ao que parece, os seus façanhudos bigodes.

Apaixonando-se pela filha dum dos guardas do palácio, sentiu que tinha chegado a sua hora própria de amar. A rapariga chamava-se Rosina, tendo, à falta de títulos nobiliárquicos, a gráça sàdia e viçosa dos seus dezasseis anos.

O rei deu-lhe um palácio próximo de Turim e, ali, numa doce calma, êsses amores decorreram sem que a mais ligeira contrariedade os perturbasse.

A pouco e pouco foram nascendo três robustas crianças que muito envaideceram o feliz papá.

— Ora veja êstes amores — dizia o rei mostrando os bastardos ao ministro da Suíça — são o produto da minha aliança com uma filha do povo. Repare ainda que os filhos que a arquiduquesa, minha mulher, me tem dado estão longe de possuir uma tal robustez.

É provável que se Victor Emanuel II tivesse vivido mais algum tempo, faria de Rosina uma rainha. Tal como Leopoldo II da Bélgica desposou a sua bem-amada à hora da morte.

Com Luiz Felipe deu-se um facto

Ana Bolena

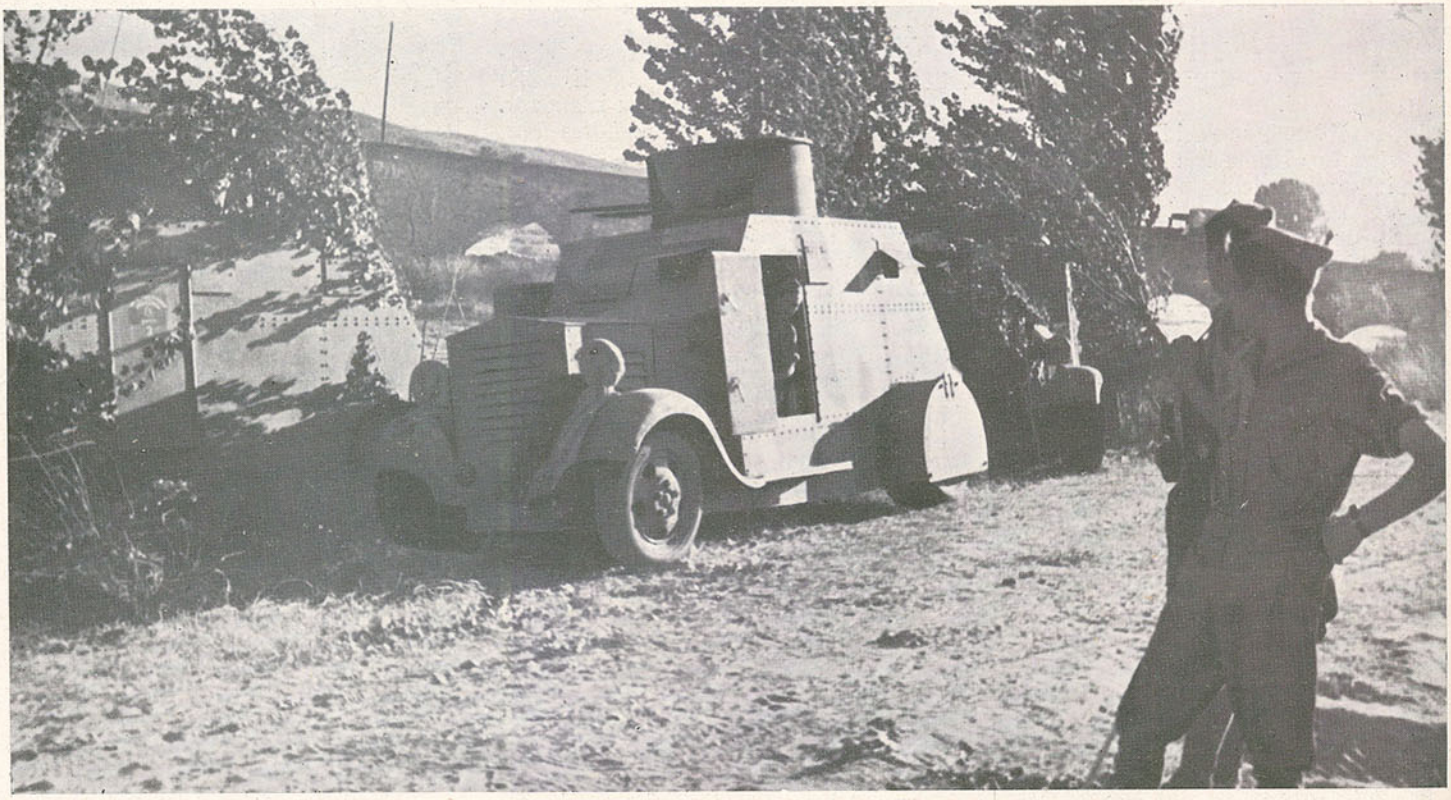
curioso, quando era apenas duque de Orleans. Tendo passado em Filadélfia, enamorou-se de uma jovem, e pretendeu casar com ela. Mas, em face da revolução que então ensangüentava a França, o pai da jovem, homem prático, opôs-se ao casamento, alegando que "o sr. Luiz Felipe não tinha situação na vida!»

Tempos depois era arvorado em rei da França!

Calcula-se a arrelia da jóvem norte-americana que, pela caturrice do seu ilustre papá, não subiu ao trono de S. Luiz. E então é que as suas amigas se morderiam de inveja, pois não lhes faltaria razão para isso... Que isto sirva de prevenção aos pais que, muitas vezes, pelos seus exagerados escrúpulos tolhem a carreira das suas filhas. É certo que não desembarca um rei todos os dias... mas, pelo sim, pelo não, sempre é bom não perder a fé.

Pensando bem, as ingénuas histórias de príncipes encantados que casavam com pastorinhas — e as nossas avós nos contavam ao serão — não eram tão fantasiosas como, à primeira vista poderiam parecer.

ASPECTOS DA GUERRA CIVIL EM ESPANHA



Carros blindados que a arte guerreira usa encobrir com ramos de árvores. E, assim, êsses monstros de destruïção seguem na sua terrível faina a espalhar a morte mascarados com a ramaria viçosa cheia de vida. O pior é que a invernia, despindo as árvores, impede a continuação dêste disfarce engenhoso... Mas pode o vendaval soprar que não arrefecerá o valor patriótico dos verdadeiros espanhois que pela sagrada causa da Pátria se sacrificam

Oficiais nacionalistas observando a luta de artilharia em Torrijos, onde os governamentais sofreram um grande revés. Entretanto, o temporal desencadeando-se furiosamente fez afrouxar a luta como que a disputar a primazia da destruïção. A avaliar pelo vendaval que assolou o nosso País, calcula-se o que teria sido nas malparadas terras espanholas. No entanto, a luta prossegue, e não levará muito tempo a raiar no glorioso império de Isabel a Católica, o sol sagrado da redenção

O MOVIMENTO NACIONALISTA ESPANHOL

Um avanço das fôrças nacionalistas nas proximidades de Oviedo, onde se desenrolaram renhidos combates em que o general Aranda infligiu ao inimigo pesadas perdas. — *Em baixo:* os destroços de dois aviões governamentais abatidos pelos nacionalistas. Palmo a palmo, as tropas do general Franco vão conquistando a sua Espanha que não queriam vêr-se afundar na barbarie

O Alcázar de Toledo começou a ser reconstruido. A gravura, que abaixo publicamos, apresenta um aspecto do histórico edifício após setenta dias de assédio. Finalmente, dêsse montão de escombros, ferros torcidos, empenas esburacadas e colunas derruídas voltará a surgir, em tôda a sua imponência, a famosa fortaleza de Carlos V como baluarte inexpugnável das nobres tradições tão ameaçadas nos tempos que vão correndo. Segundo a determinação do general Franco, os presos governamentais, sob a direcção de técnicos nacionalistas começaram a proceder já aos desaterros necessários

Uma náiade espargindo saüdades dum delicioso amor

NO JARDIM DAS ILUSÕES

O ENTERNECIDO ROMANCE DAS AMENDOEIRAS EM FLOR QUE SÓ PODE SER LIDO NO ALGARVE

NENHUM outro espectáculo natural é tam formoso, tam singular e tam surpreendente, como o das amendoeiras floridas. Nem sequer o do mar nervoso, colérico, arrogante, quando as suas ondas iradas se erguem em caprichosas curvas e se despedaçam contra as rochas em miríades de gotas de alva espuma. Nem sequer, ainda, o dos floridos horisontes primaveris, o das matinas perfumadas e coloridas, o dos campos matisados de flores avulsas e diversas. As amendoeiras em flor são, pela fragilidade das suas pétalas, pela melancolia e intensidade dos seus perfumes e pela quantidade e variedade das extensões floridas, a paisagem digna dos maiores deslumbramentos.

Venham vê-las, todos, a êstes campos algarvios onde, apezar das chuvas e dos ventos, as umbelas das amendoeiras são feitas, agora, de minúsculas florinhas, dando a impressão, pela sua quantidade, de numerosas abelhas, brancas umas, outras rosadas ou azuis, que houvessem poisado, por qualquer acaso, nos, até então, desgraciosos braços dessas árvores. Tem legenda o espectáculo poético. Vistas de longe, as amendoeiras em flôr são vestidos de noiva da mais virginal puresa. Apreciadas de perto, não sei que mensagem pagã e sensual irradia de seus perfumes fortes e doloridos. Creio, por isso, que nenhum espectáculo mais feminino poderá ser descoberto à superfície da terra. Corri Sagres, a Vila do Bispo, Búdens, Lagos, a Meia Praia, Portimão, Silves, todo o Barlavento do Algarve, e, sempre, a mesma impressão de belesa clássica e a mesma forte emoção dos sentidos, me acompanharam no formosissimo e legendário panorama.

Há amendoeiras, cujas flores minúsculas e frágeis parecem de cristal. Há, nas suas pétalas, qualquer coisa de frio, de glacial, de transparente. Voga, nelas, a lembrança de virgens mortas, de adolescentes de seios em botão, adormecidas para sempre no encantamento da morte. Outras há, gráceis, vivas, joviais, e os seus pertubantes perfumes revelam fundas ansiedades amorosas. São as amendoeiras, cuja flor rosada afirma o seu parentesco com os livores dos poentes escarlates. À beira delas, deslumbrados os olhos com a riquesa do espectáculo e embebedadas as narinas com as suas essências peregrinas, há singulares tentações de prazer. ¿Será o pecado da côr que lembra corpos nús e enlanguescidos? Mas as flores azuis que, pela sua raridade, são as mais belas e com as quais se poderia bordar um novo manto para Nossa Senhora, não demoram, um instante, a confirmação de puresa.

Certa amendoeira que encontrei nos campos de Silves, solitária entre figueiras viuvas e entre alfarrobeiras friorentas, contou-me, através da sua florída e nevada linguagem, que nela reviviam almas de amorosas célebres. Estava enfarinhada de florinhas brancas. Arranquei-lhe um ramo e, logo que o aspirei, vinte ou trinta botões me beijaram sôfregamente. ¿Que lábios apetitosos e irreais, disfarçados na saüdade de tam frágil vestuário, teria eu tido a dita de sorver? Ainda conservo o ramo, e já lá vão uns dias depois que o arranquei. ¿Quêm sabe se o seu último perfume, logo que do ramo caíam tôdas as pétalas saüdosas, me não dirá o nome dessa patrícia encantada e dêsses lábios saborosos que beijei?

Não se diga, porém, de acôrdo com as aparências que a flôr de amendoeira é flôr de neve. Talvês eu o confirmasse se não fôssem seus perfumes bailarinos. Elas são, sem dúvida, um espectáculo de virgindade, exactamente como o dos cisnes vogando por sôbre as águas esverdeadas dos lagos. É, também, certo que, através das grandes quantidades floridas, há presenças iniludíveis de fino mármore, inanimadas ou desfalecidas. Mas flôr de de neve, nunca. A neve é igual ao pólen que as abelhas transportam das corolas transitórias. É água que se bebe ou se evapora, síntese irremediável do precário humano. A flôr de amendoeira, mesmo a rosada e graciosa, é, sempre, uma flôr-saüdade: já viveu noutras eras, já foi existência real, já amou e se desiludiu, mas hoje não é mais do que a lembrança, todos os anos acentuada, de certas princesas de jaspe que nas primaveras noivaram. Ela é frágil, por isso, mais frágil, ainda, que a das violetas torturadas onde tantas angústias e desespêros se ocultam.

Venham, todos, ver, a êste Algarve feiticeiro, nas corolas perfumadas e femininas da flôr de amendoeira, a legendária ressurreição de virgens mortas. Venham aspirar, nos seus perfumes, o segredo de passados amores e a melancolia de certas recordações desfeitas em pranto. Venham lembrar, ao luar, o encanto da adolescência desfolhada, nestas minúsculas pétalas de tam perturbantes e matinais essências.

O Algarve nesta época, é o país da virgindade e da legenda. Há uma amendoeira, em Lagos, que, pela sua cenografia de puresa, acorda recordações místicas na alma de quem a contempla. Está, antes da luz, num dos campos férteis que vão dar a Santo Estêvão. Todos os que a apreciam e na sua contemplação se demoram, repetem uma idêntica sensação de puresa, de tranqüilidade moral. Outros presentem, com assombro, o vocativo imperioso da ternura celeste. Suas flores são brancas como o algodão das manhãs claras de certos invernos radiantes. Seu perfume é místico e parece incenso pelas emoções que provoca. O vestido dessa amendoeira nupcial distingue-se do das demais, pois é suave, inocente, e tem sublimidade o manto florido. Que prazer eu tive quando, em seu regaço dadivoso, respirei saüdades perfumadas de minha mãe!

As amendoeiras parecem, agora, pedaços de nuvens, tal é transitoriedade e a fragilidade dos seus botões floridos. Em quinze, vinte dias, se desfaz a floração. O bando de pombas que são as geniais florinhas vôa rápido, em direito ao céu, e nem sequer nos lega a carícia sensual de seus perfumes. Antes da primavera, já há longes floridos no Algarve. Venham vê-los, todos, se quizerem deslumbrar os olhos, enriquecer a alma de emoções inéditas e fornecer de sonho a sensibilidade ambiciosa. Mostrar-lhes-ei uma amendoeira tôda florida de azul, na Meia Praia, quási á beira do mar, esquiva e rápida como a mirada de uns olhos marejados de lágrimas. Ela dirá, a todos, que o mar, ali próximo, é o seu noivo impossível e, também, que, em outros tempos, foi balada de amor em olhos de zagais e em corações de pastoras. Ela fará, em seguida, a apresentação de uma esbelta amendoeira aristocrática, princesa de olhos irresistíveis, que perpetúa a singular friesa de quem só teve ritmos e rendas em vez de carne e coração. Pedirá, depois, a tôdas as companheiras que ali enchem uma extensão de quási dois quilómetros, que confirmem a sua opinião sôbre o amor e sôbre a vida. E elas dirão que tudo é transitório como as suas pétalas brancas, rosadas ou azuis, vaporosamente irreais em sua legenda de saüdade. O amor, confidenciou-me que certa flor escondida e envergonhada de uma amendoeira adolescente, é tal e qual como o capricho dos ventos que lhes levam as pétalas e deixam o perfume. Respondeu-lhe, logo, uma amendoeira velhinha, que o amor é como o sol: é joven pelas madrugadas, é forte ao meio dia, é melancólico aos poentes, e é saüdade ao anoitecer. Daqui a dias nada restará do filme imaterial dêste espectáculo único pelo seu perfume, pela sua belesa e pelo seu mistério. Em compensação voltará brevemente a primavera. ¿Mas que importa? Só daqui a um ano teremos outra vez o convívio dessas almas errantes e quiméricas que se vestem de lua cheia e se espalham, a êsmo, pelos ramos das amendoeiras, numa intensa camaradagem de fugidia vida. Durante quinze dias, todos poderão beijar, ainda nêste Algarve de maviosos poentes, mãos frias de princesas e lábios açucarados de adolescentes.

Não percam o espectáculo das místicas núpcias dos perfumes e das flores, dos rouxinois e do luar, nêste ambiênte poético digno dos frizos florentinos. Talvês encontrem, nêle, recompensas. A mim me aconteceu ter tido a dita de encontrar poisada num galho de uma amendoeira, uma saüdade que me tinha fugido da minha gaiola de emoções. Preguntei-lhe notícias de certos olhos que beijei. Nada me respondeu, a fugitiva, mas tive a impressão, ao mirar o conjuncto das suas pétalas, de que toda a flor era uma lágrima tremendo em minhas pálpebras...

Cada amendoeira florida tem o seu romance. Quem tiver olhos que o leia, o decifre ou o percorra. Basta, porém, de inconfidências. Venham ao Algarve, agora, e todos encontrarão nas flores da amendoeira, o documentário daquelas saüdades e emoções que já sentiram...

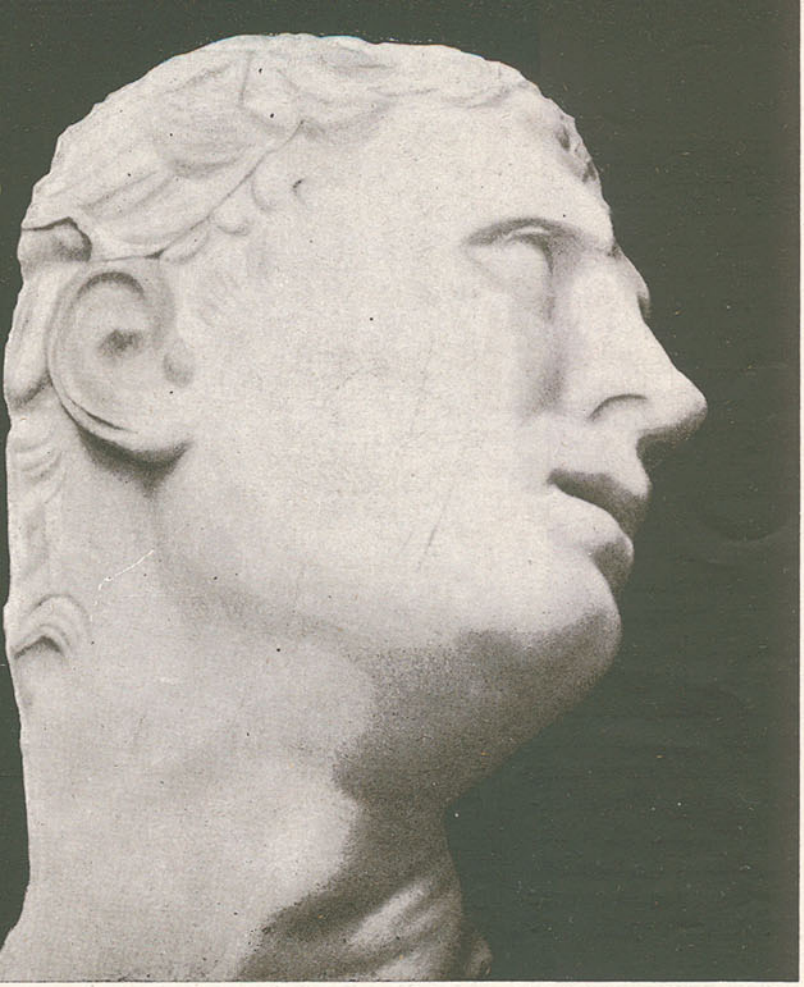
Lagos, 30-1-937.

Manuel Anselmo.

Caminho de ventura e de ilusão

Amendoeiras que nos contam as venturas do seu passado

Inverno florido em primaveris anseios



PONTOS DE EMOÇÃO

O género humano, mesmo nos exemplares mais crueis e mais fechados à sensibilidade, todo tem em si uma fonte de emoção — fonte que seca às vezes, quando a desilusão parece que em nós faz parar a vida, tornando-a numa função vegetativa e sem interêsse.

Porque não se resiste a uma grande dor e principalmente — muito principalmente — aos golpes da ingratidão.

Quando a gente perde um ente querido, fica-nos ainda a saüdade e continuamos a olhar o mundo com ternura, e maior é a facilidade de comoção, ajudada pela nossa própria infelicidade.

Mas com a ingratidão, que é a desilusão maior e mais criminosa que pode ferir-nos a alma, dá-se justamente o contrário.

Começamos pensando em como é inútil a nossa bondade, que não pode converter espíritos egoistas e traidores, que são como víboras que mordem o seio que as aqueceu.

Sentimos nìtidamente paralizar-se em nosso peito êsse palpitar carinhoso e terno que nos provocava a vista de uma obra de arte, e nada nos comove, experimentando uma indiferença absoluta pelas desgraças que dantes nos impressionavam até às lágrimas.

Se os ingratos não fôssem já em si próprios uma síntese de tôdas as mazelas que desfeiam a humanidade, bastava-lhes êste crime monstruoso de secar no peito de suas vítimas essa deliciosa fonte de emoção, que é das mais requintadas belezas de que um ser humano pode orgulhar-se — bastava êsse vandalismo torpe, para que aqueles que mordem a mão que os socorre fôssem apontados ao desprêzo geral.

E nós todos, os que recebemos malefícios por benefícios dispensados, devíamos desviar do nosso espírito o desgôsto pela maldade que nos tocou e não pensar mais em tal.

Antes do Iscariote ter vendido Cristo, prostituindo o gesto lindo do beijo, já existiam "judas"; e em quanto houver dois homens sôbre a terra um hade ser traidor. As mulheres também não valem melhor comentário.

Sob o ponto de vista da amizade — olhem que não digo amor — são até êles mais nobres e mais leais, quando o querem ser.

■

Se todos somos susceptíveis de emoção, não sofremos todos igual causa para tal efeito.

Há pessoas que quando ouvem chorar em altos berros imaginam que está nisso a expressão máxima do sofrimento moral e são capazes de juntar o seu pranto ao da criatura que desta maneira lastima a sua sorte.

Como se enganam, os que assim pensam fazendo uma falsa idea do que seja a verdadeira mágoa.

É verdade que exactamente por causa da noção errada que a maioria tem da dor de cada um, é que as prêsas de qualquer desgôsto exteriorizam tão espectaculosamente o seu sentir, não vá o vulgo dizer que não lhes custou nada a morte do filho ou do marido.

Talvez por isto é que eu assisti, um dia dêstes, a uma exibição muito curiosa do luto de alma.

Dentro dum automóvel ia uma mulher, caladinha, socegada, sem vestígios de lágrimas nos olhos indiferentes.

Apeou-se, pagou ao "chauffeur" a corrida, sempre calma, e, mal entrou o limiar da porta, começou a gritar:

— "Ai o meu rico marido que morreu!"

E subiu a escada numa choradeira de arripiar.

Eu não acredito nestas lágrimas, com torneira de segurança, que se deixam correr, quando se quer.

Ou, então, era o caso já citado.

A criatura vinha evidentemente do hospital, onde soube da morte do companheiro. Teve aquela dor muda que sufoca, dor sentida, mas obrigou-se a fingir a outra dor que se expõe à turba incrédula, que precisa do espalhafato em tudo, para crer na verdade.

■

As exibições simples, tocadas humanidade e de ternura, é que me comovem e me fazem chorar.

Vejo filmes com cenas dramáticas em que as almas deitam cá para fora a sua amargura em berros e eu fico fria, não sinto o *frisson* da piedade.

Quando no *Our daily bread*, essa epopeia sublime da luta pelo pãozinho de cada dia, os pobres párias de um fado mau erguem louvores ao céu, agradecendo a floração das searas fartas e ondeantes, eu tive vontade de ajoelhar e rezar com êles também.

Quando na *Roberta*, vi vasio o sofá onde dormia a sua sesta a bondosa senhora de falar suave e olhar leal, senti um choque no coração, como se me tivesse morrido alguém muito chegado.

Até as coisas inanimadas podem comover-nos, porque se não têm alma sua a elas se colaram farrapos das almas de quem por elas se roçou; no degladiar de sonhos e desilusões.

Os pequenos nadas que se traduzem numa palavra gentil, num discreto cuidado, num olhar de ternura, chamam a nossos olhos lágrimas que são um consôlo e uma compensação para muita amargura.

■

Para que aproveitemos na vida os recursos da varinha mágica que faz cantar a nossa fonte de emoção, é preciso que da vida conheçamos e experimentemos tôdas as gradações da desventura.

Não carecemos de seguir o Poeta que afirma "ter o coração dois quartos, e que neles moram, sem se ver, num a dor, noutro o prazer".

Não precisaremos, portanto, do aviso:

Cautela, prazer, cautela,
Folga e ri, mas devagar,
Não vá a dor acordar...»

O corpo é pelo exercício que se desenvolve e se aperfeiçoa.

A alma também precisa de exercício para formar-se e chegar à perfeição.

E não há nada como a dor para dar-lhe a sabedoria e o gôsto de tudo quanto é belo, tornando-a capaz de adivinhar num horizonte sombrio a estrêla que daí a pouco vai rasga-lo com as suas pontas luminosas.

Fonte de emoção, fonte santa de onde escorrem bálsamos para os corações chagados, bendita sejas!

Mercedes Blasco.

O REI CARNAVAL

Algumas das milhares de crianças mascaradas que percorreram Lisboa, cheias de graça, candura e felicidade

Guerra Junqueiro em 1901

Visita de Junqueiro a Coimbra em 1904

Como o Poeta escrevia os seus geniais poemas

TODA a tarde dêsse dia de Junho de 1904, a passámos juntos.

E não me lembra, de tudo o que Junqueiro disse, nada em detalhe; nem em nossa casa, nem no passeio que fizemos, subindo a Santo António dos Olivais, descendo por Sete-Fontes, depois de repousar, ao cair da noite, no Penedo da Meditação — e sempre sob o fulgor da sua palavra.

Decerto o coração, de jubiloso, não deixou ao cérebro a melhor parte nesta comunhão espiritual que nos ministrou o Apóstolo!

Fomos procurar Bernardino Machado, que morava perto, na quinta dos Sardões, para a Cumeada. Aí, falou-se da política... Bernardino e Junqueiro, discutiam sempre: eram como dois irmãos, e encontrando-se no mesmo ideal, fortalecia-se mais ainda — se o podia ser — a sua união fraterna; mas, sendo os seus modos de ser tão diversos, as suas opiniões sôbre as pessoas e as coisas chocavam-se facilmente.

Que belo espectaculo assistir ao assalto dialectico que se davam, sorrindo, estes dois grandes homens — as mais altas mentalidades da sua geração!

Eram sete da manhã, quando cheguei ao Hotel Bragança. O *senhor doutor* saíra ha pouco, mas deixára aviso: fôra ao Mercado, e não tardava.

Preferi ir ao seu encontro: surpreendi-o, quando descia os degraus do escadório da Praça. Avistou-me, parou.

Era uma manhã de sol, e sentia-se que Junqueiro vinha alegre, como o dia.

Todo vestido de preto, o semblante risonho, as barbas arripiadas da brisa leve, o chapeusinho um pouco à banda...

E, erguendo na mão direita — que primeiro escondera como uma criança, atrás das costas — um cartucho de papel:

— Adivinha o que vim comprar para o nosso passeio?

Os seus olhos brilhavam, de malícia e de meiguice:

— Dez réis de frutos de oiro!

Era um cento de ameixas de S. João, frescas, ainda húmidas de orvalho...

Seguimos por Visconde da Luz e Calçada; estavam abrindo as lojas.

Na Portagem parámos... Junqueiro vinha falando: recordava lances da sua mocidade, em Coimbra. Lembro-me que aí, na Portagem, o interrompi, preguntando intempestivamente:

— Que recordação mais impressiva tem de toda a sua carreira escolar?

E êle respondeu, logo:

— Eu era bem miudinho, quando cheguei ao Porto... Todo o dia chovera: a minha tristeza infinita, quando me vi abandonado, no colégio sombrio e gelado!

Era a hora do jantar: e eu não tinha vontade de comer. Mas o que vejo sôbre a meza? Pão maravilhoso! amarelinho de gêmas de ovo, crestadinho de oiro...

Logo me veio o apetite: tomei uma fatia; á primeira dentada de avidez, desatei a chorar!

Alarmaram-se, rodearam-me todos...

Mas como explicar áquela gente estranha? Rir-se-iam de mim.

Passar a vida no colégio, comendo bôlo-dôce, fôra o sonho instantâneo que viera a consolar-me n'aquela cerrada desolação; e logo se esvaiu o belo sonho: — o pão doirado eram merendeiras de milho amarelo...

Foi das maiores decepções da minha vida!

Entrámos na Estrada da Beira. Á direita, ficava a Insua dos Bentos, sôbre o rio, já de minguadas águas murmurantes, encobertas pelos salgueirais.

E Junqueiro recomeçou:

— Eu vivi muito, em Coimbra, com Bernardino Machado...

O inverno surpreendeu-me, com as duas cadeiras, a cama e as roupas no prego. Haviam ficado, porém, o enxergão e o colchão, que, velhos e rôtos, não me quizeram em penhor. Dormia, vestido, enrolado na capa, entre um e outro — e muito bem. E tanto, que o Bernardino e eu passámos toda uma noite, gosando alternadamente do bom conchego. Como? A lêr e a ouvir lêr o *Année Terrible!*

Aquele que declamava Hugo, estava de pé, perto do candieiro, suspenso da parede, por um prego de caibro, e o outro no quente. Revesámo-nos muitas vezes, até romper a manhã...

Era o primeiro exemplar do *Année Terrible* que chegara a Coimbra: no dia seguinte deviam tê-lo o João Penha e o Crespo.

E prosseguiu:

— As férias grandes, depois da minha formatura (já o Bernardino professava Botânica) passei-as em sua companhia, no antigo convento de S. Bento, sôbre o Jardim. Foi quando escrevi a *Introdução à Morte de D. João.*

O nosso venerando amigo foi sempre muito querido das mulheres. Certo dia, seriam 3 da tarde, alguem bateu á porta: era um respeitável sacerdote, já de idade. Êle próprio se apresentou como o abade de Joane, a terra do Bernardino.

E para o que havia de dar-me? Vendo-me na intimidade do jóvem doutor, para me agradar — não imagina o que são estes minhotos! — o padre começou a fazer o elogio das suas virtudes. Cortei de dubitativas o encómio, e de tal sorte, ante o seu espanto, que cheguei a insinuar que o Bernardino corria graves perigos morais, e que convinha mesmo a intervenção dum confessor, para os conjurar.

De repente, sentimos na escada estrépito, alarido.

Abriu-se a porta... E trezè raparigas — treze, que eu contei — invadiram o aposento. Á frente vinha Terezinha, a formosa, hoje condessa de X...

Despedi-as, com fingido mau humor. E foram-se todas, rindo... Era uma revoada de pombas mansas — e inocentes, creia.

O abade empalidecera. E, quási a mêdo, só preguntou:

— Tôdas?

— Tôdas? Pois quê, duvída? Tôdas!

Era certo (e daí a minha brincadeira...) que, a essas horas, todos os dias, vinham aquelas tricaninhas — dôces e inocentes, creia — pedir flôres. Bernardino tardára um pouco, mas nenhuma dúvida de que as encontrou ainda à espera, porque, quando subiu, me trazia o cravo rubro magnifico, que me coube sempre na distribuição diária, para inspirar vigor, ardência, aos meus alexandrinos.

O padre não guardou segrêdo da minha confidência, e o Bernardino não me perdoou ainda...

Desde a Serra de Louzã, ondas de luz desciam como ondas de vida que viessem bater-nos no peito.

Então, Junqueiro, como se a mocidade voltasse, improvisou estrofes relumbrantes, pôz-se a cantar. Pois não era um cântico o que o Poeta ia dizendo ao sol, ás águas, ao arvoredo, tão alheado de mim como se se encontrasse sòsinho, ali, como há trinta anos, improvisando?

Havia um lindo laranjal, à beira-rio. Distraía-me já, contemplando-o, quando ouvi:

Quem me dera, meu Deus, rolar nesta verdura...

— Que grande trambulhão, senhor Junqueiro! — obtemperei, sem reparar na bruteza do comentário.

Acordámos ambos. E regressámos...

Para reatar relações, pois ficáramos acordados, mas mudos, eu disse-lhe esta banalidade:

— O seu pensamento enraiza-se sempre em emoção poética, tende sempre à fórma métrica...

Então, Junqueiro, sem o mais leve ressentimento, acudiu logo:

— O paludismo enfraqueceu-me a memória. Ai de mim! a obra poética não poderei prossegui-la.

— Mas não me parece que seja necessário um memorião...

— É que não metrificou nunca.

Interessei-me, e pedi-lhe — a minha curiosidade tinha audácias — que me désse uma idéia de como escrevia.

— Eu lhe explico. Ah! não faço poesia quando quero. E nunca escrevi um verso, sem que o tivesse, antes, na cabeça. E como componho? Passeando; só a marcha me dá o rítmo.

A elaboração mental é, em mim, muito simples e muito complexa.

Dias e dias passam, sem que o meu pensamento possa fixar-se. Dentro de mim há alguma coisa de novo, mas nem presinto o que seja.

Então ando léguas; e, por tôda a parte, pelos carreiros e verêdas dos campos, pelos areais das praias, pelas ruas da cidade, conduzo a idéia, que se vai gerando no sub-consciente.

De repente — estou contemplando o mar, trepando a montanha ou conversando com um amigo — surge: um clarão passa, e é como se subitamente fôsse arrebatado; tudo me é alheio no mundo, e sigo sem parar mais, sem vêr mais, sem ouvir mais: no meu cérebro o que era antes confusão e tumulto, ordena-se, fórma plano, ilumina-se, vibra.

A minha vida é, então, extra-terrestre: nem dou conta do que se passa à minha volta. Entre mim e o mundo é como se houvesse uma muralha de bronze; nada distingo da vida exterior; encarcero-me na minha consciência. Não converso, mal cômo, mal durmo; apenas rompe o alvor do dia, eis-me em jornada: ando léguas. E, voltando a casa, escrevo sem uma emenda os cinqüênta, os cem, os duzentos versos que compuz, que a imaginação desencadeada me revelou, e que trago na cabeça — palpitantes, límpidos, cristalinos, perfeitos.

Guerra Junqueiro, não tinha uma falsa modéstia...

E continuou:

— Nunca pude escrever versos de outra maneira. Consegui, mas só assim, escrever quatrocentos versos, duma assentada. Hoje é-me impossível.

Este, o meu método. Evidentemente, que o meu processo mental, em obras de larga envergadura, compreende uma vasta idealisação e um período de execução que póde vir depois, e prolongar-se: a formação estrófica, todavia, foi-me sempre fácil. Confiei sempre em que me acudiria, plena, completamente na hora propícia, na hora própria; confiei demais, porque sinto que não poderei agora levar a cabo, nem o *Prometeu Libertado* nem as *Saüdades do Ceu*...

E baixando a voz:

— ...nem, talvês, as *Orações.*

Olhou muito para mim, ferido de tristeza, e andou mais depressa. Mas, de chofre, parou, e, num arremêsso de orgulho, batendo na testa:

— Mas, creia, tenho tudo isso aqui, no cérebro. Sem estas malditas sezões, nalgumas semanas coroaria a minha obra poética — que, então sim, valeria alguma coisa!

E, caminhando de novo:

— Pela minha obra filosófica, abandonei tudo. A *Lei da Vida* sairá em breve. Vou isolar-me, para a concluir definitivamente. Se a não termino, se morro sem a publicar, morrerei inédito.

E, erguendo de novo a fronte:

— Será a minha grande obra!

Entrávamos num novo ambiente, noutro rumo de ideias; a conversa — se pode chamar-se conversa, sendo um dos interlocutores êste grande orador, mago da palavra — desviou-se para a filosofia. Ha quem palestre os seus artigos ou os seus livros, para os ir aperfeiçoando, para despertar sugestões, para suscitar esclarecedora controversia, para em si próprio suscitar entusiasmo e até para afinar o estilo... Junqueiro não; o pensamento nêle, tomava forma, constituindo bloco, cristalisando, sem que nenhuma influência exterior pudesse mais modifica-lo. Raramente respondia a uma objecção; nenhuma crítica lhe aproveitava; e, embora não estivesse repetindo de cór o que escrevera ou mentalmente compuzera e não escrevera ainda — ignoro se escrevia a prosa, como o verso — se chegava á peroração, para que tendia sempre, não parava mais, sem que chegasse ao fim, desenvolvendo a sua tese em fórmulas precisas, numa dedução cerrada, como numa demonstração matemática.

Não avalio o que valerá essa obra, em que empregou todos os prodigiosos recursos da sua inteligência e que foi uma obsessão torturante, que lhe absorveu o melhor da sua vida.

Dela mal conheço alguns trechos e julgo que a ninguem a comunicou por inteiro, se porventura a concluiu.

Ouvi dizer que sua filha, D. Izabel, para a dar em breve á publicidade, a está revendo...

Creio que a obra filosófica de Junqueiro começou por ser um feixe de pensamentos, em que procurava estabelecer uma ética cósmica. Da *Nota* final d'*Os Simples*, vê-se que surgiram duma crise profunda; anuncia então, em 1892, que no prefácio doutro livro (e devia ser o que denominava *Infinito-Livro de Orações*) explanaria as "conclusões últimas do seu exame de consciência".

Depois, sob a mesma base moral, complicou-se e alargou-se êsse ideário, e veio a condensar-se no que chamou, por 1902, *Ensaios Espirituais — Lei da Vida*, e em 1903 sómente — *Lei da Vida.* Algumas vezes publicou *Notas á margem duma filosofia*...

Nos vinte anos seguintes — até á sua morte — refundiu tudo, e creio que, abandonando todos os intúitos de arte, procurou as culminâncias duma nova metafísica, para alcançar uma síntese da Vida — a Ciência e a Fé, o Mundo e o Cosmos, o Infinito e Deus. É de então a *Unidade do Ser.* Era já física, química, biologia, sociologia, estética, moral, teologia!...

O Poeta das «Orações» — composição de Rafael Bordalo Pinheiro em A Paródia

Em 1917 dizia a João Grave: — «Eu preciso de dois anos de clausura e de paz; preciso entrar em religião, para ordenar, codificar, sistematisar em páginas consistentes tudo quanto aqui tenho disperso. Peço a Deus que me não leve antes disso». E afirmava: — «Eu venho continuar e completar Leibnitz!»

Em fins de 1921, dizia a João de Barros, ainda mal convalescente do esgotamento nervoso, resultante do esforço que fez para terminar a sua obra filosófica:

— "Durante tres meses, na alucinação do trabalho, não comi nem dormi. Um copo de leite, uma codea de pão — fôram o meu alimento. Mas deixarei completa, se bem que em resumo, a minha explicação, a minha interpretação da vida. É uma interpretação monista».

João Grave vira milhares de páginas — "sem uma rasura» (escritas, pois, como os seus versos?), as quais, segundo esperava o seu auctor, seriam condensadas, reduzidas, "a dois ou tres grossos volumes».

Destruiria Junqueiro os milhares de páginas das primeiras redacções, a imensidade de notas que desde 1890 fôra escrevendo? Restará só esta redacção definitiva de 1921?

São problemas, são mistérios que a filha do nosso maior poeta depois de Camões, aperta, invioláveis, na sua fina e nervosa mão...

É-me impossível dar um pálido reflexo do discurso assombroso que, por essa Estrada da Beira, ouvi, e não desmerecia daquele que, ha um ano, toda a Academia escutara, em arroubo e assombro.

Quando acabou, tirando da carteira um envelope, disse, figurando sôbre

Junqueiro e as crianças — baixo relêvo de Teixeira Lopes

êle algumas circunferências concentricas:

— Eis um resumo:

No centro dêstes circulos está o homem. Ao princípio o homem é a fera, menos ainda do que a fera, um ser primitivo, tendo a ininteligencia do mineral, embora se mova e se defenda e ataque; em seguida, êste sêr começa a sua humanisação, ampliando a vibração da sua compreensividade e da sua emotividade todo o espaço do primeiro circulo, e funda a Família. È já o Amor...

Mas que vasto circulo sucede! E que lenta evolução, até que, pelo agrupamento do clan e da tríbu, conceba a ideia da Pátria! Amará os outros homens, criados no mesmo solo; será capaz de lutar e morrer, não já só pela sua companheira e pela sua prole, mas por todos os que são da mesma Grei.

E eis que o ilumina um pensamento mais elevado, um sentimento mais sublime: no terceiro círculo a sua simpatia irradiante vai abranger toda a Terra: todos os seres humanos serão seus irmãos.

E cada vez maior, e cada vez mais alto, alcançará todos os círculos seguintes: amará, de igual amor, os animais, as plantas, as próprias pedras; depois, ainda, os planetas e as estrêlas; — as crianças e as flores, o chacal e a pomba, os rochedos nús e os astros relumbrantes, — tôda a imensidade baterá em seu coração. E além, sem fim, sem limitações — Deus! Entre Deus e o Homem — a Vida. Na ascensão miraculosa da Espécie — o Herói, o Sábio, o Santo... O Homem perfeito será Amor infinito!

Resta-me dizer que terminou, aplicando à Arte a projecção desta doutrina... E em termos parecidos com o que veio a publicar:

— "A arte vale mais ou menos, segundo a porção de amor que abrange e que revela. A arte soberana é a que conjuga a natureza tôda — homens e monstros, águas e árvores, pedras e nuvens, sois e nebulosas, com o verbo infinito e perfeito, o único verbo criador, que é o verbo amar. O universo atómico, partículas inúmeras e vagabundas, fraterniza em Deus, unificado numa só alma e num só corpo."

Á porta do Hotel despedimo-nos até ao outro dia, que eu tinha de acudir ao apêlo dum condiscípulo, um tanto cábula, que estava de ponto...

Encontrando, à noite, Bernardino Machado, não inquiri da anecdota do abade, mas referi-lhe o que Junqueiro me dissera sôbre a *Introdução à Morte de D. João.*

— Sim, Junqueiro compô-la tôda, passeando nêsse verão no Jardim Botânico. E sabe como se preparou? Recitando em voz alta alexandrinos de Castilho, repetindo-os, matraqueando-os, até possuir inteiramente o movimento, o rítmo.

Quando, emfim, me leu a *Introdução,* estava cheio de alegria, de contentamento de si próprio, certo já do êxito formidável que teve.

— Que te parece? — preguntou.

— Parece-me bem.

— Bem?! Mas muito bem, mesmo muito bem, Bernardino!

Guerra Junqueiro fôra a Vale de Lobos ler a Alexandre Herculano o poema, e dedicou-lho.

Ora é sabido que, quando Castilho introduziu entre nós o alexandrino, o cantor da *Harpa do Crente* se anojara muito da inovação, condenando-a como uma criminosa tentativa de barbarizar a poesia.

O que diria Herculano, ao receber *A morte de D. João,* deparando com os alexandrinos de Junqueiro?

Mas êste era muito capaz de responder-lhe, como a Bernardino Machado:

— Bem, mesmo muito bem, querido Mestre!

*

* *

Estava combinado que ao outro dia, a certa hora, eu passasse pelo Hotel, porque Junqueiro almoçava connosco na nossa pequenina casa de Celas.

Encontrei-o no caminho, no Largo de Santa Cruz; saíra cedo e andara passeando no Parque.

Logo me falou dos frades, e das delícias do seu viver...

— É inconcebível que, entre êles, houvesse tão poucos poetas. Pois seria bem preciso que instituíssemos uma *Congregação de Vates e Trovadores.*

Depois, como falássemos de Santa Cruz e da sua igreja, foi um desenrolar de impressões criticas e de teorias estéticas, em frases lapidares; três ou quatro traços bastavam-lhe para caracterizar os maiores artistas — às vezes por um processo comentativo singularíssimo:

— Quando vejo um quadro de Rubens, dá-me logo vontade de bradar: — Rubens, para aqui meia tonelada de coxa da deusa! — Rubens é um marchante de carne olimpica.

Fomos subindo por um carreiro, ao poente do Parque, onde hoje é a rua Lourenço de Azevedo.

Chegou a vez aos poetas e prosadores... A ironia silvou: como numa barbarraca de *pim-pam-pum,* Junqueiro ia atirando abaixo dos seus altares, desapiedadamente, alguns dos meus ídolos.

Confrangido, quiz atalhar ao sacrilégio, e ergui em sua frente, como um desafio ao iconoclasta — nada menos que Tolstoi.

E contei-lhe que a leitura da *Ressurreição* abalára tanto Tomás da Fonseca, que, acabando de a ler à meia noite, não pôde dormir e ardera em febre até ao meio dia seguinte.

— Coitado do Tomaz! É certo que Tolstoi é um grande artista, mas é um bem pobre filósofo...

E continuou, varrendo a feira.

Ao cimo, no Lugar Novo, voltou a Tolstoi...

— O que há de admirável, no autor de *Ana Karenine,* é a tragédia da sua alma. Passa a sua mocidade atolado em vícios, entre a luxúria e a gula; a sua ambição é desvairante e o seu orgulho satânico. De repente, sente aluir o solo sob os seus pés: a vertigem arrasta-o considera-se perdido; e o possesso do demónio volta-se então para Deus. Crise tremenda em que se encerram séculos de dor, marés infinitas de tenebrante angústia. E é outro Tolstoi!

Este príncipe, coberto das vestes de *mujik,* vive num palácio, como um prisioneiro e como um penitente...

A caminho da santificação? Impossível! À alma de Tolstoi a claridade celeste toca-a, mas não a penetra; carradas de abominações obstruem-lhe o caminho.

Que espectáculo! que drama ingente! Quer fugir a todos os monstros que o assediam, e a carne é o seu pior inimigo: fará dela completa abstinência — e proclama-o, como um outro S. Francisco de Assis. Quereria alimentar-se de simples hervagens!

A sua doce mulher prepara-lhe os mais exquisitos pratos de vegetais, compra, a pêso de oiro, as mais deliciosas frutas do mundo, e êle só deseja o caldo dos mendigos, que lavajam nos pátios.

Veja êste quadro:

Tolstoi escreve e medita. Todos no palácio dormem — sua mulher, os filhos, os servos.

Agora dir-se-ia que Tolstoi reza... Mas levanta-se, descalça-se, caminha subtilmente, abre as portas devagarinho para que não ranjam, não vá acordar alguém, atravessa corredores sem fim; sempre nas trevas, mas os seus olhos luzem como os das feras na selva, quando espreitam a prêsa...

Ei-lo que pára e estremece; parece-lhe ouvir um ruído, escuta; chega a uma sala, a que conhece bem os cantos e onde entra um raio de luar, já a passo firme, passo de quem se decide a tudo. E abre um armário, ergue-se em bicos de pés e ... rouba um bife.

Que terrores, ao voltar com aquele pedaço de carne na mão! E aí o tem, devorando, dilacerando a fêvera sanguinolenta com dentes e garras.

Ladrão na própria casa, incapaz de vencer-se, mentindo a Deus e aos homens...

E' horrível, ridículo e sublime!

Vamos andando. A' nossa volta loureiam trigais, em que as últimas papoilas fenecem.

Lopes de Oliveira.

A MULHER — NOSSO DESTINO

...A imaginação é a noiva do lusíada. Tiramos, faïscamos, acendemos lirismo no entreluzir da manhã e até da fraga do monte. Nossa bravura foi lírica. Lirismo o arremêsso das conquistas, a ânsia do infinito das navegações. Mas fundimos a vibratilidade da asa e a ignomínia do charco. Levamos à cruz — retornámos carregados de ôdres, barricas e arcas. — Há, em nós, o herói e o mártir, o mesquinho interesseiro e o lorpa usurpador. Mais do que em nenhum outro povo — carecemos de nos retemperar nas sólidas virtudes do sentimento bem puro, no sentimento da mulher. Que a educação que lhe damos não seja um atentado torpíssimo já!

O primeiro grande impulso da nossa vida é o amor. A mulher prendeu-se ao destino da nossa Pátria, como se liga à sorte do homem. Escusamos de tentar descobrir, em filosofias novas, o velho tema. A nossa epopeia, clara e forte, brota espontâneamente de uma suavidade amoradiça. Sem o génio lírico, saüdoso, turbulento, desgraçado, Camões não comporia os *Lusíadas*...

Ah! nem sempre o puro amor, quantas o amor infeliz ou criminoso!

D. Tareja e o Conde de Trava.

Afonso Henriques quebra uma perna de encontro ao ferrôlho da porta de Badajoz — é a filha quem o salva, a infanta casada com o rei leonês.

Dom Sancho-o-Velho enfeitiça-se por essa Ribeirinha pérfida e coleante do primeiro cantar de amigo:

Ay eu coitada — como vivo
en gran cuidado — por meu amigo...
Ay eu coitada — como vivo
en gran desejo — por meu amigo...

Bordejam-se comentários ao casamento de Sancho II, o leal e valente. A pior tortura com que o supliciam, é o rapto da esposa querida, Dona Mécia. A rainha Isabel é santa pela sua ternura para com os mendigos e os leprosos — amor ainda, nobre e belo. Dom Denis — o trovador — que tão poderosamente nos cativa desde as primeiras leituras infantis, balbuciadas no sentimento e na linguagem

Que soydade de minha senhor ey...
...Ay madre moiro d'amor...

ensaia o cantar entristecido e piedoso:

Rog'eu a deus que end'a o poder
que m'a leixe, se lhi prouguer, veer
cedo, ca tal a quis deus fazer
que se a non vyr, non posso viver.

a que a expressão camoneana daria o esto da ressurgência espiritual:

Que tão cedo de cá me leve a ver-te
quão cedo de meus olhos te levou.

Dom Pedro, o da paixão cativa e magoada, vinga como louco feroz a morte da amante. E o povo, revendo-se ao espêlho dos seus tresvarios amorosos, com tamanha sêde de beijos como de justiça, vai tecendo à volta da formosa Inês, de tranças loiras e alvíssima pele, a dos olhos verdes, a evocação das horas em que só o amor vale a pena de viver, tôda essa lenda encantadora pela magia da saüdade — *Depois de morta foi Rainha.*

No túmulo de Alcobaça ficou gravado o adeus sublime da esperança

Até a fim do mundo

como numa pedra do túmulo dos Cogominhos, na Colegiada de Guimarães, a mulher-cadáver afirma a prisão leal ao cadáver do espôso:

Sempre tua!

Escogitam-se os defeitos de Dom Fernando. E' um só — Leonor Teles —:

Molle se fez e fraco.

A primeira dinastia cai, e cairá a segunda, por causa da mulher — o mau sangue estrangeiro dos casamentos. Nela — a glória; nela — a perdição! Dom Fernando e Leonor Teles; Dom Sebastião e Joana-a-Doida. Destino dos nossos reis, destino da nossa gente! E mais, e mais em tôda a jornada secular...

A aliança de D. João I; a bravura iluminada e mística de Nun'Alvares, guerreiro e frade; Dom Duarte, sumido, casto, com "míngua de dormyr"; os caprichos femininos que acoroçôam a mancha de Alfarrobeira; Dom Afonso V e a Excelente Senhora; Dom João II — os seus amores com D. Ana de Mendonça, a comiserativa rainha Dona Leonor, a morte do Príncipe, a sua querença em deixar o trôno ao filho bastardo Dom Jorge, o testamento, o agitado drama dêsse homem verdadeiramente grande; D. João III, a culta e formosa Infanta D. Maria e a sombria, manhosa rainha Dona Catarina, irmã de Carlos V. Sempre na mulher — o segrêdo do nosso destino. Pelo amor do homem. Dona Luísa de Gusmão e o duque de Bragança na revolução de 1640. Aquela fraca Dona Maria Francisca de Saboia e Dom Afonso VI, e Dom Pedro II. Dom João V e os conventos; ou Dom João VI e Carlota Joaquina. D. Pedro V e a rainha Estefânia. São nomes evocativos definidos. São nomes da História de Portugal!

Eduardo de Almeida.

D. Maria Amália Vaz de Carvalho

DOCUMENTOS PRECIOSOS

Como Camilo definia a obra de Eça de Queiroz

numa carta enviada a Maria Amália

APÓS a publicação de tantos e tantos volumes de Cartas de Camilo, não se esgotou ainda o filão precioso que, pelo visto, promete prolongar-se indefinidamente.

Graças à amabilidade cativante do sr. dr. Luís Crespo, que pela memória de sua Mãe — a grande e ainda insubstituida escritora D. Maria Amália Vaz de Carvalho — mantém o mais fervoroso culto, damos hoje à estampa uma das cartas enviadas por Camilo Castelo Branco à ilustre autora das *Vozes do êrmo*, e que bem patenteia a enorme admiração do gigante de S. Miguel de Seide pela sua colega lisboeta.

Anos antes, dizia Camilo em carta enviada a António Feliciano de Castilho:

"Li hoje uma amostrinha do talento da filhinha de José Vaz de Carvalho. Vem transcrita na *Gazeta*. Permita Deus que os poetas a deixem florir sózinha, em prática e em amores com os silêncios santos que conversam na sua aldeia. E' lá que aquele oiro há de incendrar-se e vir às cidades em belos adôrnos duma musa, cheia de graças originais."

Cumpriram-se os votos de Camilo: a talentosa filhinha do José Vaz de Carvalho tornava-se, a breve trecho, a grande escritora Maria Amália tão considerada pelos maiores espíritos literários do seu tempo.

Guerra Junqueiro admira-a desta maneira:

O' sublime criança, o' meiga Valentina,
Quando tu de manhã vês pastar na campina
Entre o róseo nevoeiro o Pégaso selvagem,
Atrevida e gentil, como um pequeno pagem,
Corres; sem medo algum bates-lhe sôbre a anca,
Lanças à crina escura a mão nervosa e branca,
E rindo, sem fazer o mais pequeno esfôrço,
Dás um salto elegante e poisas-lhe no dorso.
E o cavalo, sentindo o pêso encantador
Da amazona gentil, — que é o pêso duma flor,
Caracola orgulhoso e vai pelos caminhos
Cheios de luz, de sons, de frémitos, de ninhos,
pelos ricos vergeis, pelos virentes prados...

E cada um dos grandes escritores dessa época ia depôr a sua oferenda de admiração aos pés da grande escritora que surgia.

Eis a carta de Camilo:

Minha presada amiga e Excellentissima Senhora

Quando recebi a honradora carta de V. Ex.ª estava enfardelando a troixa para fugir dessa sentina de marmore. Tinha saudades desta tristeza dos pinhaes. Imagino q V. Ex.ª tambem, na sua travessa de S.ta Catharina, sente a esta hora as lufadas balsamicas de Pinteus.

Ó m.ª querida senhora, V. Ex.ª decerto me não avalia bem, se n'alguma hora se lembrou que eu pude accusal-a de ingrata. Porquê? Não sei eu o que é a vida escurentada por dissabores, e quantas alegrias são precizas para se estar a gente n'uma banal communicação de phrases de estima? Eu não escrevo a ninguem quando estou triste, por que me pejo de não ter essa porção de contentamento que toda a gente tem, parte por favor de Deus e parte por fraudulento obsequio do Diabo.

Não recebi ainda o livro de V. Ex.ª. Tornou-se a esquecer, m.ª senhora.

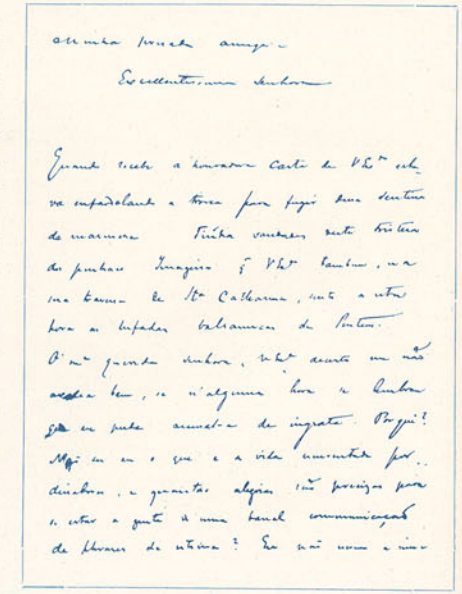
Olhe: não diga nada a meu respeito, como tencionava nos seus folhetins: isso pode ser-lhe nocivo. Nada de pôr o braço contra a roda, por q. lh'o podem quebrar. Essa escola que abriu o Eça de Queiroz vingará por duas duzias de annos. Aquillo são fezes amassadas, mas a forma que elle lhes dá é attractiva. Tanto importa q a materia prima seja de alabastro como de guano: a estatua é bonita. Em cada 100 leitores ha 99 Basilios, q gostam de se ver retratados.

Sabe V. Ex.ª o que eu m.to queria? Era vel-a rica, m.ª senhora. E q.do os banaloens curvados deante do seu talento lhe disserem: "que pena que V. Ex.ª não escreva!" eu, se estivesse ao lado de V. Ex.ª, pedir-lhe-hia em segredo que os mandasse à fava (perdão do realismo).

Anna Placido, desde a morte do filho, vae morrendo com espantosa rapidez. Eu assisto a este espectaculo como quem vê o ultimo acto da tragedia de sua vida.

Aperto e beijo a mão de V. Ex.ª.

Seide, 24 M.ço 1878 — *C. Cast.º Branco.*



O genial escritor já em tempos enviara uma sátira ao seu amigo Tomás Ribeiro, a propósito da obra do Eça. Tinha por título *A fidalguinha*, e veio publicada, anos depois, na revista *Republicas* (n.º 61 — 3.ª série — Fevereiro de 1886).

A FIDALGUINHA

Tomás Ribeiro, o conto, que te envio,
é como Pierrot que vibra o sistro,
a fim de te alegrar nesse sombrio,
tristonho gabinete de ministro.

Sob o docel do mirante,
(O' Graças prestai-me auxílio!)
via-se a loura menina
a ler O Primo Basílio.

No seu chateau *solarengo*
costuma passar a calma;
— o oxigénio para o corpo,
o Basílio *para a alma.*

Com a mão aristocrata,
a romanesca fidalga
afagava o pêlo ebúrneo
de uma turbulenta galga.

Caminhavam pela estrada
três crianças com a mãe,
esfarrapadas, mendigas...
já não têm pai. Nisto, vem

do mirante abaixo a galga
a ladrar, a remeter,
contra os pequenos que choram.
Quer um dêles defender

os irmãos, e ergue a custo
uma pedra; então a galga
fugiu ganindo, num chôro,
como a queixar-se à fidalga.

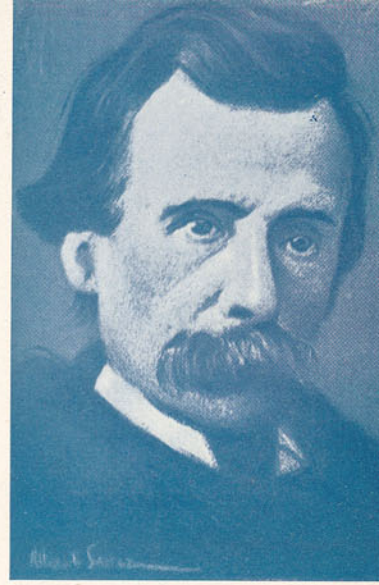
Raivosa, a loira menina,
curvando o peito arquejante
sobre o peitoril florido
do balsâmico mirante,

brada ao pequeno: «ó garoto!
se lhe atiras a pedrada,
mando lá fóra um lacaio
rebentar-te!».

— Não é nada...

(disse a pobre) O meu pequeno
tem tanta fome, ó fidalga,
que não podia atirar-lhe
com a pedra à sua galga...

Voltou a face a menina,
carregando o sobrecílio,
e foi ler o que fizera
no «Paraíso» o Basílio.



Camilo Castelo Branco

Não compreendeu, felizmente!
Que o Eça, com grande tino,
quando a Natureza é suja,
usa estilo sibilino,

de modo que o não percebam
meninas na flor do viço,
e apenas o entendam velhas
que nada perdem com isso.

Camilo Castelo Branco.

Era assim que o excelso Camilo ironizava há mais de meio século o êxito obtido por Eça de Queiroz no *Primo Basílio*.

Ora, a verdade é que, hoje como ontem, a maior parte dos leitores dêsse livro, não se preocupam com a prosa atraente, fluida e sugestiva do grande estilista, mas tão sòmente com certa cena que o livro encerra, e que tanto lhes daria ser descrita pela leveza filigranada de Eça de Queiroz, como pela brutalidade amorfa e até pornográfica de qualquer Alfredo Gallis.

Se é esta a verdade, porque a devemos ocultar?

Sim, porquê?

Gustave Flaubert — desenho de Madame P. Sabatier

NO 80.º ANIVERSÁRIO DA "BOVARY"

ATRIBULAÇÕES DE GUSTAVE FLAUBERT

— o eterno requintado bordador de missanga

Edmond de Goncourt, falando na inauguração do monumento a Flaubert, em Croisset, no dia 23 de Novembro de 1890, teve esta frase:

«Nêste cemitério onde o nosso amigo repousa, é possível que algum dos seus leitores, ainda sob a alucinação enternecida e piedosa da sua leitura, procure distraidamente em volta da sepultura do ilustre escritor, a pedra tumular de *Madame Bovary*».

Flaubert levou a escrever a *Madame Bovary* o melhor de seis anos, trabalhando sempre. Depois de esboçar 42 folhas de planos, meteu-se a redigir o seu romance, em que gastou 1788 folhas de papel escritos dos dois lados, formando, por fim, um manuscrito de 487 páginas. Por aqui se avalia a tortura contínua e desesperada que essa prosa sempre embrionária teve de sofrer!

A dificuldade que Flaubert encontrava em escrever chegava a ser, por vezes, aflitiva. Capítulos inteiros foram escritos, de novo, sete vezes, e mais! E, apesar de todas estas emendas, o manuscrito definitivo apresentava ainda rasuras enormes, e longas alterações nas margens, patenteando claramente quão dolorosa havia sido a sua redacção.

O requintado artista

Acabado o romance em 30 de Abril de 1856 dedicou-o ao seu amigo Bouilhet que o instigara a escrevê-lo. Deveria ser publicado na *Revue de Paris*, consoante o plano traçado anteriormente.

Com grande espanto de Flaubert, o director da revista, não obstante ser um dos seus amigos, declarou-lhe não poder aceitar o texto integral do romance! Por sua vez, Maxime du Camp, que também se encontrava à frente daquela publicação, sentenciou não ser possível a publicação da *Madame Bovary*, se não recebesse a necessária autorização de fazer-lhe os "cortes indispensáveis».

Calcule-se a desilusão do requintado Flaubert que durante seis anos, metido na sua casinha de Croisset, burilara sem descanso essa obra prima que êle considerava intangível! E era ainda Maxime du Camp — um amigo! — que se propunha fazer-lhe cortes, como se êle não tivesse feito outra coisa em tôda a sua redacção!

Flaubert ainda tentou reagir, mas acabou por se resignar. E, desta maneira, começou a ser publicada a *Madame Bovary* na referida revista.

Os cortes feitos por Maxime du Camp é que não agradaram muito a Flaubert que, no n.º de 15 de Dezembro, fazia o seguinte aviso na revista: "Peço aos leitores que vejam apenas fragmentos dêste romance, e não o seu conjunto».

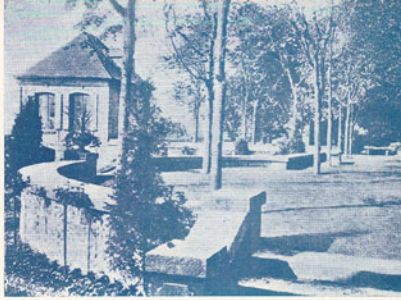
O certo é que o romance agradou, avolumando ainda o seu êxito o facto de Flaubert ser levado ao tribunal correccional, visto a *Madame Bovary* ser considerada um foco de imundície infecciosa. Segundo a acusação, "Messalina estava acima de juvenal, porque a arte sem regra não era arte: era como uma mulher crapulosa a quem tivessem arrancado todo o vestuário».

O advogado Sénart respondeu por Flaubert, exaltando o valor da obra

— "Pois o que é êste livro — dizia êle — senão o incitamento à virtude pelo horror do vício? Acaso a terrível expiação da falta cometida não será o incitamento à virtude?».

E, neste tom, o defensor impôs e conseguiu a absolvição do réu. O juiz acabou por mandar em paz o autor da *Madame Bovary*, não sem lhe dar uma severa admoestação que, baseando-se numa piégas definição de arte literária, teria feito sorrir o ilustre escritor.

— "Todo o homem de letras que se respeita — dissera o severo magistrado — não póde esquecer nunca que, tanto a literatura como a arte, para produzirem o bem a que são destinadas, devem ser apenas castas e puras na sua fórma e na sua expressão».



Jardim e terraço da casa de Flaubert em Croisset

Foi assim que a *Madame Bovary* começou a fazer carreira, mesmo sem os cortes impiedosos de Maxime du Camp.

De acôrdo com as disposições legais, a obra de Flaubert é agora do domínio público. E, enquanto M. Baty põe em cêna uma adaptação da *Madame Bovary*, alguns editores preparam, a preços populares, novas edições dêste magnífico romance, da *Salammbô* e da *Education sentimentale*.

Que diria o requintado Flaubert se podesse vêr a sua obra divulgada em resmas e resmas de papel barato, êle que tanto amava as edições luxuosíssimas?

Os Goncourt, dando notícia do carácter voluntarioso do autor da *Madame Bovary*, afirmaram que êle dissera, um dia, para salientar a posse das suas obras:

"— Se eu tivesse inventado o caminho de ferro, não consentiria que subisse para êle, fôsse quem fôsse, sem minha licença!».

Tanta presunção, Santo Deus!

Não virá longe o dia em que êste visionário sempre insatisfeito seja considerado, não só um grande escritor, mas um meticuloso bordador de missanga.

Gomes Monteiro.

O Mestre dita-vendo Madame Bovary — caricatura de Lemot na Parodie, de Gille (1850)

Houve alguem que, para justificar os constantes aperfeiçoamentos com que muitos artistas insatisfeitos pretendem valorizar os seus trabalhos, se lembrou de citar a estátua de Moisés que Miguel Angelo levou largo tempo a concluir. Afirmou até que, indo um amigo visitar o exceiso escultor ao seu atelier, encontrara a obra quási concluída, o mesmo sucedendo, meses depois, quando ali voltou. Como manifestasse a sua estranheza, Miguel Angelo explicou uma tal morosidade, alegando ter pretendido dar mais expressão aos lábios da figura, mais energia ao braço direito, mais vigor a certo músculo da perna esquerda.

— Bagatelas — retorquira o outro — bagatelas, no fim de contas...

— Serão bagatelas — teria replicado o artista — mas sem as quais não pode haver perfeição!

Quem inventou esta anecdota não fazia a mais leve ideia do formidável orgulho dêsse divino Buonarroti que, ante uma tal impertinência, teria corrido a pontapé o insolente, nem que êle fôsse o seu Mecenas. Por bem menos atirou êle com um sarrafo ao papa Júlio II que se atrevera a fazer-lhe uma ligeira observação.

Já agora, citaremos outra lenda que nos diz que Miguel Angelo se lançara a desbastar aquêle bloco de mármore, como um sonâmbulo, guiado apenas pela chama do seu génio. Não se preocupou com as medidas meticulosas que qualquer oficial de canteiro não esqueceria, sendo essa a razão de lhe faltar o mármore para o condigno pedestal que ficou mais que reduzido.

E' que o cinzel do escultor não parara em hesitações, nem se delivera em aperfeiçoamentos. Rasgou, profundou, esculpiu sem alterar a primeira fórma idealizada pelo Mestre.

Assim é que Miguel Angelo concluiu a famosa estátua, tal como a concebera no seu primeiro plano.

E, á semelhança de Jehovah, que achara boa a sua obra da Criação, após seis dias de trabalho intenso, o artista genial, ao contemplar o seu Moisés, sentiu-se tão satisfeito que, batendo-lhe na testa, o intimou:

— *Adesso parla!*

Em boa verdade, àquela majestosa figura do fundador da nacionalidade israelita apenas lhe falta falar!

Tudo isto vem a propósito do já velho debate sôbre os homens de letras que escrevem ao correr da pena verdadeiras obras primas, como Camilo; e os outros que, preocupados com a fórma, dão mil voltas ás suas produções literárias — e nem sempre para melhor. Torcendo períodos, amontoando sinónimos rebuscados, chegam até a caír, por vezes, em pleno gongorismo.

Fala-se de Eça de Queiroz? Mas quem poderia negar-lhe talento? No entanto, onde tem êle uma página que se assemelhe, de perto ou de longe, á da *Morte do lobo* que o expontâneo Camilo nos deixou no *Eusébio Macário?*

Agora, que fez oitenta anos a celebrada *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, não deixam de vir a propósito algumas revelações curiosas sôbre o tão discutido romance do sempre insatisfeito autor francês que, apesar de tudo, conseguiu triunfar.

Tendo regressado da sua viagem ao Oriente, Flaubert leu a Bouilhet e a Maxime du Camp a sua *Tentation de Saint Antoine* que lhe mereceu uma valente reprimenda. Longe de se formalizar, Flaubert manifestou-lhes nestes termos a sua gratidão: "Eu estava invadido pelo cancro do lirismo. Ainda bem que vocês me operaram radicalmente. Era tempo de me curar».

O que escrever então?

Foi o próprio Bouilhet que lhe forneceu assunto com um caso ocorrido na Normandia, e que provocara grande emoção.

Um tal Eugène Delamare, tendo casado em segundas núpcias com a filha dum rico lavrador de Blainville-Crèvon, a mulher, pouco depois, torna-se-lhe infiel. Dalamare sofreu horrivelmente com o seu infortúnio, e, quando a perjura se suicida, num acto de desespêro, o marido chora-a como se da mais virtuosa companheira se tratasse... E é tal a sua mágoa que poucos dias lhe sobreviveu.

A estátua de Moisés, de Miguel Angelo

A QUINZENA DESPORTIVA

O vendaval que assolou depois causou no campo das Salésias graves prejuízos, lançando a terra a cobertura da bancada

O tufão que, durante os últimos dias de Janeiro passou sôbre Lisboa, não poupou na sua fúria devastadora as instalações desportivas, a tôdas causando prejuizos que, nalgumas, atingiram desoladoras proporções.

No campo das Salésias, o mais modernizado e confortável de quantos existem na capital, a ventania torceu os pilares de sustentação da cobertura das bancadas e esta ruiu numa peça só, como a tampa que fecha uma caixa; na Tapadinha, a construção de madeira que abrigava os camarotes foi também deslocada e abatida, e em Santo Amaro a destruïção foi completa, ficando a velha bancada reduzida a um monte de ruínas inutilizáveis. Foram estas as instalações que mais sofreram, mas nas Amoreiras e no Campo Grande também houve destroços a reparar.

Assim, a própria natureza se manifesta adversária dos paupérrimos bens do desporto lisboeta; nos nossos terrenos de jôgo, o público encontrava apenas acomodações insuficientes e desabrigadas, e essas mesmas edificadas à custa de muito sacrifício na miséria dourada das colectividades proprietárias. Num dia apenas, o furacão se encarregou de destruir grande parte do pouco existente e, o mais triste, é que mais tenha sofrido quem melhor tinha conseguido erguer. O Club de Football "Os Belenenses", num esfôrço progressivo ao qual ninguém com justiça pode recusar homenagem, transformara o seu campo desportivo no mais confortável e completo de Lisboa; o desastre que agora sofreu é um golpe imerecido do destino, mas por certo não irá arrefecer o entusiasmo e fé dos seus dirigentes que anunciaram já a maior confiança no futuro e o propósito firme de prosseguir na sua obra, reparando o que a tempestade avariou.

A bancada do campo de Santo Amaro ficou reduzida a um monte de ruínas

A esta agremiação, como às outras que do mesmo flagelo foram vítimas, e cujos prejuízos, embora menos aparatosos, representam talvez desastre maior porque os recursos de que dispõem são também muito mais modestos, seria oportuno que o Estado prestasse auxílio indispensável para continuarem a desempenhar de maneira fecunda a sua missão, que não esqueçamos ser de utilidade pública.

■

Um telegrama recente trouxe ao conhecimento do mundo que a França, convencida da necessidade de alterar os processos em uso, ia tornar obrigatória a educação física de tôdas as crianças dos 6 aos 18 anos, a qual seria ministrada nas escolas até aos 14 anos e nos liceus e colectividades desportivas nos anos seguintes.

Esta resolução é a conseqüência duma campanha que há muito vinha sendo desenvolvida naquele país, sem efeitos práticos até à decisão agora divulgada e que é o início duma reforma de realização eficaz.

É curioso notar que o argumento fundamental, mais insistentemente apresentado para justificar a necessidade da reforma e intensificação da educação física da mocidade, era o fracasso dos desportistas franceses nas competições internacionais, nomeadamente nos Jogos Olímpicos de Berlim.

Alarmada a opinião pública pela inferioridade dos seus representantes, foram os chefes da nação levados a encarar a sério o problema do futuro e aproveitaram, como era lógico, a lição dos países, cujos processos culturais haviam triunfado na prática.

A solução preferida foi aquela que se impunha, tratando-se duma medida para futuro: aplicar a educação física a tôda a massa do povo e colhendo os indivíduos ainda na infância para guiar e favorecer o seu desenvolvimento, de maneira a valorizar-lhes o índice de robustez e estimular a preferência pelo exercício físico elementar e desportivo.

O govêrno francês escolheu uma fórmula de aplicação, cuja receita lhe vem da visinha Alemanha, onde já depois dos Jogos uma determinação oficial generalizou a obrigatoriedade da educação física e desportiva a tôda a mocidade alemã, a qual fica até aos catorze anos encorporada, com exclusivo absoluto de quaisquer outras instituïções, numa organização uniforme e directamente colocada sob a dependência do Chefe da Nação.

Assim, dia a dia, se vai espalhando pelo mundo a ideia da nacionalização da cultura física e da preparação pre-desportiva, que, pelas experiências já realizadas, provou um eficácia concludente.

O poblema, que em Portugal se apresenta com as características da mais urgente solução, evoluciona agora numa feição animadora, gerada pelo critério do sr. ministro da Educação Nacional, criando emfim uma organização ampla, activa e vitalista, onde tôda a gente môça do País irá colher os benefícios do exercício metodizado, da existência ao ar livre e do hábito do trabalho físico.

■

Acabam de ser publicadas as estatísticas alemãs relativas aos Jogos Olímpicos de 1936, nas quais se encontram números extraordinàriamente elucidativos sôbre a grandeza da organização e o êxito que conheceu.

O Estádio Olímpico e anexos custaram, conforme declara o sub-secretário de Estado, Pfundter, 50 milhões de marcos, o que equivale em moeda portuguesa a uma verba aproximada de 450 mil contos.

A decoração nocturna e diurna das ruas e casas de tôda a cidade, durante o período olímpico da primeira quinzena de Agosto, importou uma despesa computada em 16 milhões e meio de marcos, ou sejam 148.500 contos.

Nesses quinze dias, 2159 combóios trouxeram ou levaram de Berlim 3.900.000 passageiros, o que representa um acréscimo de dois milhões e meio de viajantes sôbre a população transportada em idêntico praso de período normal.

A receita bruta da Companhia dos Caminhos de Ferro foi de 12 milhões de marcos (110.000 contos).

A sociedade berlinense de transportes serviu durante as duas semanas dos jogos, 62 milhões de pessoas, das quais 36 milhões viajaram em carro elétrico, 14 milhões e meio em "metro" e 12 milhões em auto-omnibus".

O sábado que precedeu o encerramento dos jogos estabeleceu o "record" do número, com 3.750.000 passageiros transportados.

Acresce ainda que os caminhos de ferro de cintura fôram utilizados por mais 29 milhões de indivíduos, de fórma que a adição de todos êstes números colossais indica a média diária de 4.350.000 pessoas viajando dentro de Berlim.

Por fim, a direcção dos serviços de correio informa que, da abertura ao termo dos jogos, fôram expedidos de Berlim 102 milhões de cartas e remessas postais, tendo sido recebidas 54 milhões que seis mil distribuidores entregaram no seu destino.

Por via aérea saíram da Alemanha 710.000 cartas, entre as quais talvês nos pertença o "record", da lentidão, pois uma carta expedida por nós do Estádio Olímpico em 9 de Agosto foi recebida em Lisboa no dia 23 de Dezembro!

■

A missão pacificadora do desporto é bastas vezes deturpada pelo exagêro das paixões populares que suscita e parece demonstrado que só é verdadeira nos meios suficientemente educados para a compreenderem.

Na Tapadinha, o vento derrubou a parte superior, de madeira, que abrigava os camarotes

Ao acaso das nossas leituras encontramos dois exemplos flagrantes e curiosamente típicos de desvirtuação dos propósitos moralizadores do desporto, os quais confirmam a anterior opinião.

A Inglaterra emprega o desporto como elemento colonizador, procurando servir-se dêle para atenuar os instintos dos povos bárbaros, sôbre os quais exerce a sua suzerania; na Nova Guiné experimentaram ensinar aos indígenas canibais a prática do futebol, mas os resultados fôram desastrosos e o número de feridos nos encontros disputados excedeu o das vítimas habituais da antropofagia.

Num dos encontros realizados, conta o jornalista, a luta carregou com 22 jogadores em campo, conforme preceitua a lei; meia hora mais tarde o número de participantes ascendia a 57, e no solo jaziam 12 pessoas gravemente feridas.

A polícia interveio então, suspendeu as hostilidades e submeteu os presentes a uma busca rigorosa, apreendendo grande quantidade de navalhas, lâminas de barbear, cacos de garrafa, paus aguçados e mocas.

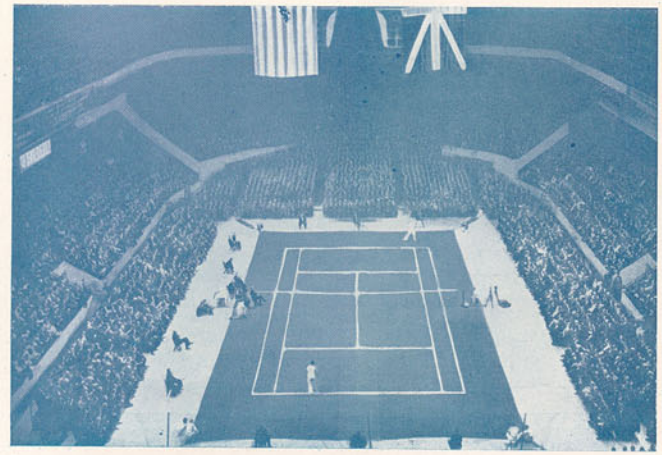
O outro exemplo vem da América do Sul; no decurso do encontro Paraguai-Uruguai, disputado em Buenos-Aires, os componentes das duas equipas envolveram-se em desordem, sendo necessário que a polícia viesse separá-los por meios persuasórios.

Após um quarto de hora de interrupção, o jogo continuou, mas dez minutos antes do fim fôram presos e levados para a esquadra dois jogadores uruguaios, sendo preciso cercar, à saída, o árbitro e os juizes de linha por um batalhão de guardas, procedendo-se ainda à prisão preventiva de numerosos espectadores.

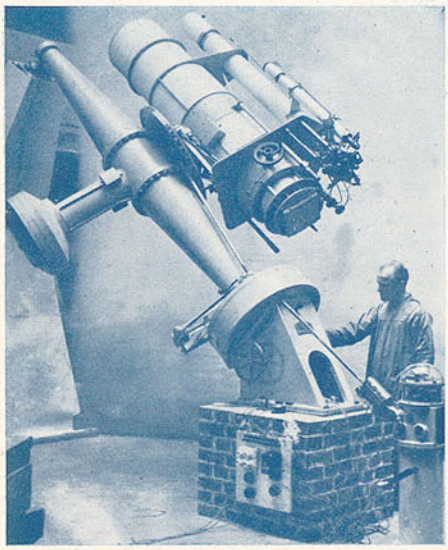
Que delícia, não é verdade?

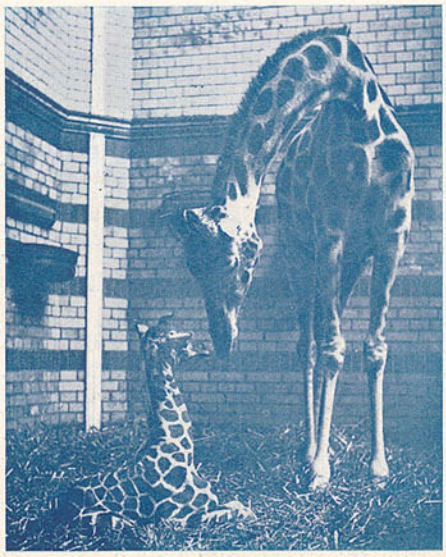
Salazar Carreira

Perry e Wines continuam pela América a série de encontros que constituem a base do seu contrato de profissionais do tennis, e o entusiasmo do público não diminui com a repetição do espectáculo



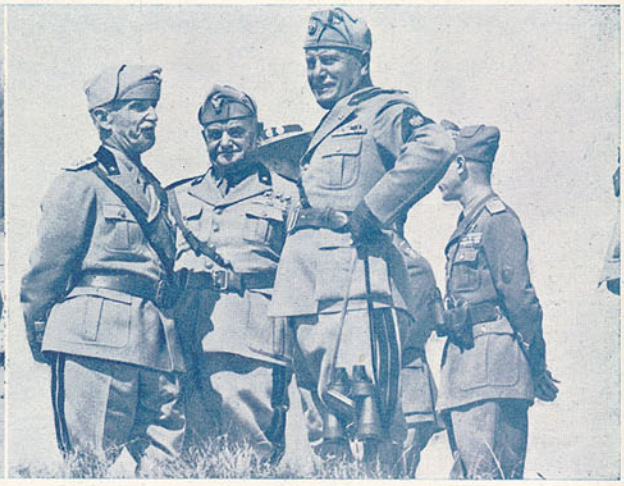
ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS





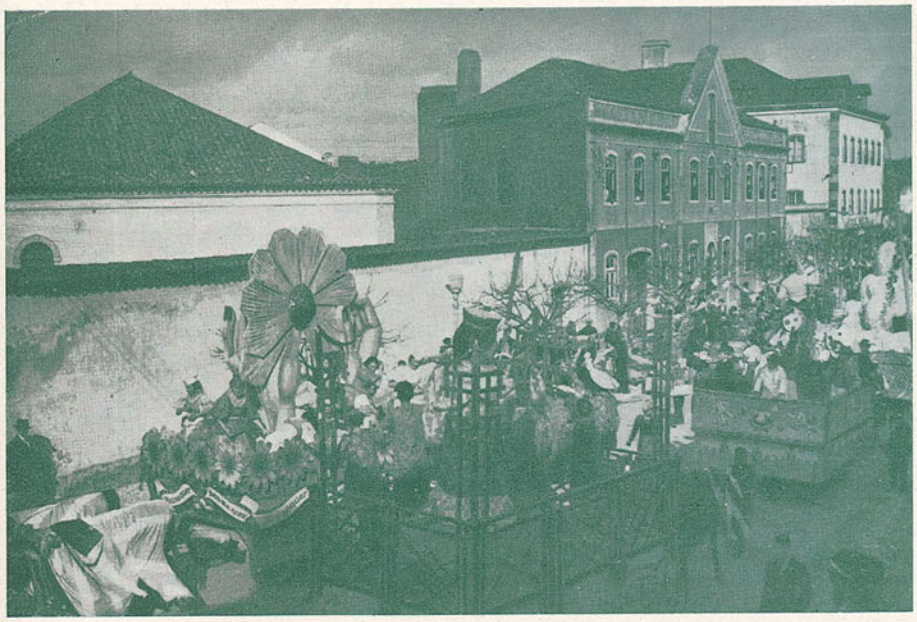
Máquina fotográfica para retratar o céu que as fábricas Zeiss, de Iena, acabam de instalar no Observatório Astronómico de Estambul que instalada sôbre um poderoso eixo elimina o movimento da Terra. — Ao CENTRO: A «Grüne Woche» apresentada na Exposição Internacional de Berlim. — A' DIREITA: A girafa do Zoo de Berlim, acaba de ser mãi. A nossa gravura apresenta-a afagando o recem-nascido que pesa o melhor de 75 quilos

O ministro do Reich, Dr. Goebbels entregando a medalha de Goethe ao famoso compositor Josef Reiter por ocasião do seu 75.º aniversário natalício. — A' DIREITA: Alguns membros dos grupos desportivos exercitando-se com pequenos aviões para futuros grandes vôos, segundo a determinação alemã que os orienta. O local escolhido foi Rhinow, onde em 1896, sucumbiu o grande aviador Otto Lilienthal

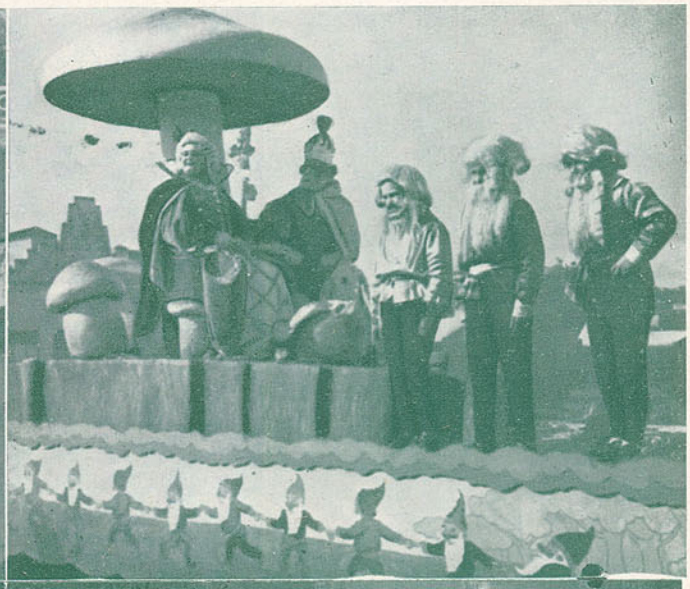


A nossa gravura apresenta os javalis que, acossados pela neve, se aproximam de Berlim, à procura de alimento. No campo de Wuhlheide foi instalado um refeitório, onde as feras encontram quem solicitamente lhes dá de comer, visto ser-lhes concedido o direito de viver. — A' DIREITA: O rei Vítor Manuel III, de Itália, acompanhado pelo Duce, assistindo ao desfile das tropas que tomaram parte nas grandes manobras

O CARNAVAL

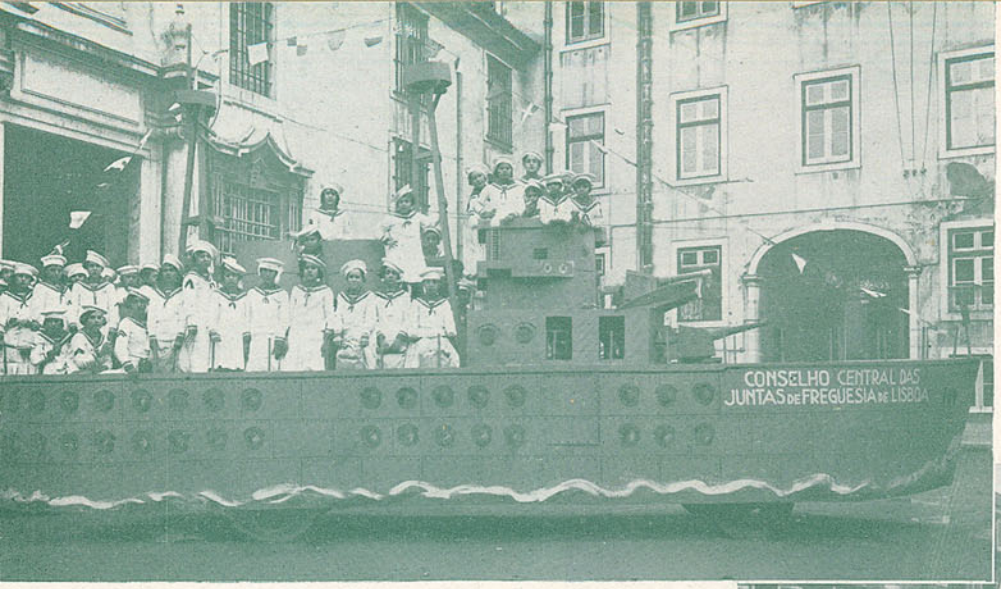


Tôrres Vedras, êste ano, embandeirou em arco, para dar passagem ao Rei Carnaval que se apresentou mais folião do que nunca. Eis quatro aspectos do seu vistosíssimo cortejo. Bravo, Tôrres! Que até parecias uma Nice em miniatura



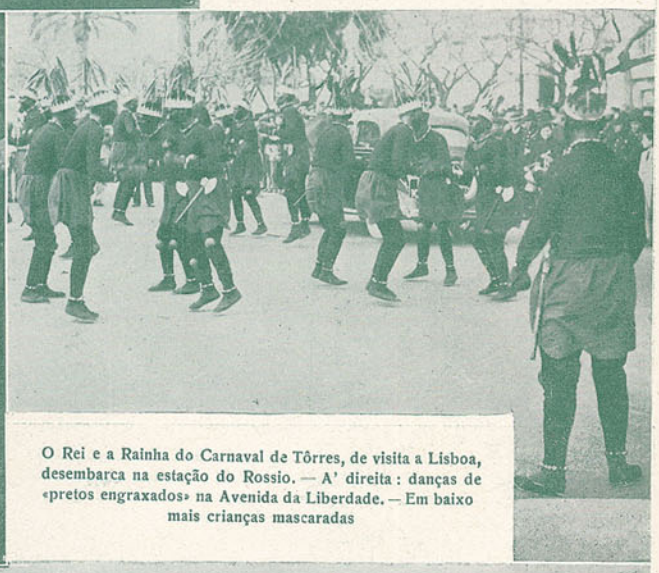
Crianças mascaradas no Estoril, exibindo sugestivos trajos que a fantasia dos seus papás soube engendrar numa ânsia que aumenta de ano para ano, e tudo para alegria daquelas pequeninas almas. — *À direita:* um grupo de crianças portuenses num dos bailes realizados na capital do Norte. Ainda assim, que saüdades dos belos tempos dos Fenianos e dos seus prodigiosos cortejos!

FOLGUEDOS CARNAVALESCOS



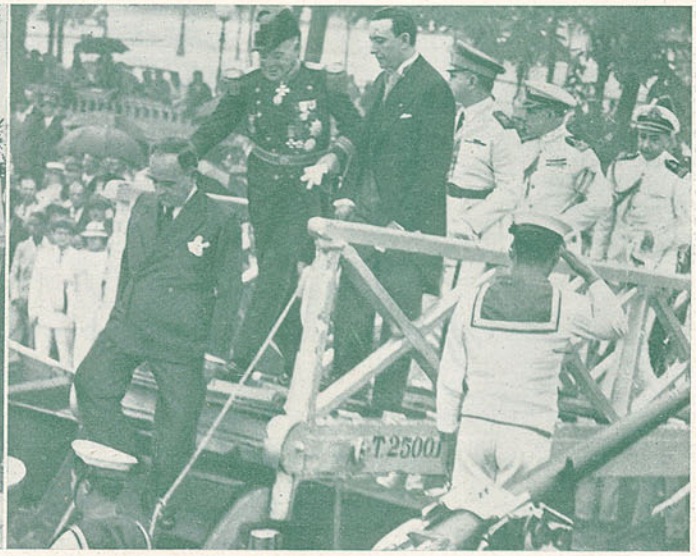
O vistoso carro do Conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa e vários outros que se apresentaram impantes no corso da Avenida. Representava o primeiro carro um dos «avisos» de guerra, modelados pelos que foram adquiridos para a nossa Marinha. A tripulação era constituida por meninas protegidas pelas Juntas

A verdade é que na hora em que o Mundo assiste a um desenrolar de factos que o prendem em ansiedade, Lisboa não deixou de folgar, movida pelo seu sossêgo e pelo seu entranhado amor à tradição



O Rei e a Rainha do Carnaval de Tôrres, de visita a Lisboa, desembarca na estação do Rossio. — A' direita: danças de «pretos engraxados» na Avenida da Liberdade. — Em baixo mais crianças mascaradas

FIGURAS E FACTOS



Ecos do 31 de Janeiro — O sr. comandante Leite Brandão depondo, em nome da Câmara Municipal do Pôrto, um ramo de flores no monumento aos mortos da revolução de 31 de Janeiro de 1891. — *A' direita:* o Presidente da República Brasileira, Dr. Getúlio Vargas entrando a bordo do navio-escola «Sagres», seguido pelo comandante Cisneiros de Faria e pelo embaixador de Portugal, sr. dr. Martinho Nobre de Melo

Justa e sentida homenagem — Os mortos da revolução de 26 de Agosto acabam de ser depositados no seu mausoleu no cemitério dos Prazeres. As gravuras acima representam as entidades que assistiram à trasladação, e a condução dos restos dos soldados da G. N. R. O acto revestiu-se de grande solenidade, constituindo uma comovente manifestação de saüdade da parte de algumas centenas de amigos, camaradas e pessoas de família dos finados

Dr. Manuel Campos Pereira — Um novo livro do dr. Manuel Campos Pereira que causou sensação. *As pobres Suzanas* se intitula e é um bem elaborado estudo psicológico em que o seu autor, cheio de talento e pujança, desce até às cavernas escuras do sub-consciente com a lanterna da sua poderosa intuïção

Dr. Arlindo Monteiro — O III Congresso das Ciências realizado há pouco nas três grandes cidades portuguesas — Lisboa, Pôrto e Coimbra — não teria tão vasta expansão se lhe faltasse o braço forte de tão profundos orientadores. O dr. Arlindo Monteiro foi incansável na obtenção dêsse êxito magnífico que tanto honrou Portugal. A juntar aos seus trabalhos tão vastos e tão belos tem agora os realizados nesse Congresso memorável, e reünidos no elegante volume acabado de saír do prélo. A-pesar-das mil e uma dificuldades que sempre surgem em tão transcendentes trabalhos, o dr. Arlindo Monteiro — escritor ilustre e verdadeiro homem de ciência — conseguiu atingir a meta desejada

Fernando Augusto — Nestes prosaicos tempos que vão correndo ainda há poetas que sentem desejo de cantar. Valha-nos isso. Surge um novo. O poeta Fernando Augusto apresenta-se com um livro de versos que intitulou *Cristais partidos*. Há limpidez e grandeza no seu ritmo. Ainda impregnado da saüdosa escola do romantismo, sabe viver o seu tempo, ser moderno e digno dos tempos de hoje. *Cristais partidos* encerram boa poesia

VIDA ELEGANTE

Festa de Homenagem

Com uma enorme e selecta freqüência, realizou-se êste ano no teatro da Trindade, a festa anual de homenagem aos conhecidos cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, cuja nota damos em seguida:

D. Maria do Carmo Contreiras Machado, Marquesa de Fontes Pereira de Melo, Condessa de São Tiago, Condessa de Idanha-a-Nova, Condessa de Monte Real, Condessa de São Mamede, Condessa de Pinhel, Viscondessa de Sacavem, Viscondessa de Coruche (D. Maria), Viscondessa de Tojal, Viscondessa de Sardoal e filha, Viscondessa de Santa Margarida, D. Jesuina Pereira dos Santos e filha, D. Josefa Contreiras, D. Berta Ortigão Ramos, D. Amélia de Vasconcelos Pôrto de Vilhena, D. Filipa de Sá Pais de Amaral Coelho, D. Adelina Santos, D. Virginia de Abreu Caraóça, D. Elvira de Macedo Dias Egas Moniz, D. Estefania de Macedo Dias Macieira, D. Fernanda Bettencourt Moreira de Carvalho e filhas, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Etelvina de Sousa Falcão, D. Sara Burnay Paiva de Andrade e filhas, D. Sara Bensaúde Lemoine Branco, D. Ilda Garcia Rosado Bastos, D. Honorina Morais Graça, D. Alice Sanches de Gama de Castro da Costa Macedo, D. Maria das Dores da Silva Monteiro, D. Henriqueta Figueiredo Salema Garção e filha, D. Adelaide Bramão, D. Maria Teresa Homem de Melo, D. Ana Diniz de Melo e Rego e filhas, D. Laura de Abreu Reis Ribeiro Ferreira e filhas, D. Eugénia Machado Ribeiro Ferreira, D. Elisa da Costa Novais, D. Maria Rosa de Liz Teixeira de Mendonça, D. Maria Sarsefield Rodrigues, D. Fernanda Caróça Lopo de Carvalho, D. Felicidade de Sousa d'Eiró, D. Rosa Pais Lopes e filha, D. Gabriela Ramires dos Reis e filha, D. Eugénia Ribeiro da Silva, D. Emília Anciães Proença Pereira do Vale, D. Maria Luiza de Vasconcelos Pôrto Teles, D. Maria Joana de Brito e Abreu Portigal, D. Atanazie de Brito e Abreu Craw, D. Maria de Santana Benard Guedes, D. Maria Luiza de Borja Trindade, D. Maria da Conceição de Borja Trindade de Serra e Moura, D. Margarida de Vasconcelos e Sá (Silvares), D. Júlia Assis de Brito, D. Maria Helena Bastos Gonçalves, D. Fanny Fonseca, D. Maria Leonor Bastos Soveral, D. Berta Caldas Forte, D. Maria Gabriela Caldas Forte, D. Alice Pereira de Carvalho de Brion, D. Maria da Conceição Galeão Roma, D. Alice de Sousa Melo e filha, D. Ilda Brandão, D. Palmira Lucas Tôrres, D. Ana Cabral da Silva e filhas, D. Berta Bastos Mendes, D. Maria Júlia de Abreu, D. Maria de Macedo e Brito e filha, D. Maria Primitiva Fernandes Muiños, D. Alzira Colaço Cordeiro Ramos, D. Azilda de Vasconcelos Salgado, D. Idalina Alda de Oliveira Aguiar, D. Maria Amélia Lucas Tôrres Farinha, D. Aurélia Fidansa de Lemos Lisboa, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Maria Vaz Morano, D. Rosa Dantas Rodrigues dos Santos, D. Judite Mendes da Costa Novais e filha, D. Maria Constança de Sousa Coutinho de Mendia, Senhora do Brigadeiro Lourenço, D. Maria Filomena Lamarão Vieira da Rocha, D. Gracinda Lopes de Almeida e filha, D. Alice da Fonseca de Sousa Rego, D. Arminda Machado Rangel dos Santos e sobrinha, D. Lídia Amélia de Carvalho Castelo Branco e Melo e filha, D. Maria da Conceição Assis de Brito, Senhora de Facco Viana e filha, D. Ema Tôrre do Vale, D. Mary de Brito Keil e filha, D. Albertina Pimentel de Vasconcelos e Sá, D. Maria del Pilar Benito Garcia Salazar de Sousa, D. Maria Moutinho de Almeida, D. Marieta Berneaud Caiola, D. Adelina Diniz de Almeida, D. Maria Cândida Correia Pereira, D. Zina Pombo, D. Eliva Bastos Vicente Ribeiro, D. Rosa Barroso de Matos Cid, D. Ilda Fragoso Alcobia, D. Maria de Castro Ferreira de Almeida, D. Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima, D. Maria das Dores de São Paio de Melo e Castro Meleiro de Sousa, D. Palmira da Costa e Silva, D. Julieta Miranda Correia da Silva, D. Maria Noémia Correia da Silva Ataíde, Senhora de Ramiro Leão, D. Alda Aguiar Santos Gomes e filha, D. Matilde Carvalhal Correia Henriques, D. Maria Berneaud Caiola Murinelo, D. Maria da Luz Diogo da Silva Melo e Faro Passanha, D. Maria Ana Girão Jacome de Vasconcelos de Abreu Coutinho, D. Emília Neto Afonso de Abreu Coutinho, D. Maria Helena de Morais Cardoso de Meneses, D. Maria Norton Cardoso de Meneses, D. Maria Henriqueta Abrantes Pereira, D. Maria Julieta da Costa e Silva, D. Estrêla de Carvalho Papulim, D. Henriqueta Clington Carp, Senhora do Dr. Jorge Falcão, D. Julieta Borges Zenoglio, Senhora de Manuel Henrique de Carvalho, D. Maria Guerra Freire Temudo, Senhora do Dr. Mário Moutinho, D. Fernanda Gonçalves Calvet de Magalhães, D. Mariana Galvão Mevia Bramão, D. Ernestina Soares de Albergaria Nunes de Carvalho, D. Maria Cristina Delgado Olavo, D. Maria dos Remédios Crespo de Melo Mevia, D. Marion Craw de Brito e Abreu, D. Mariana Adelaide de Freitas, D. Elsa Barroso, D. Branca Fuschini, D. Manuela Carvalho Rica, Senhora de Carp, D. Glaby Norton Contreiras, Senhora do Dr. Alfredo Guisado, D. Fernanda Montelhano, D. Emília Brederode Smith, D. Isaura de Castro Araujo de Santana, D. Noémia Falcão Trigoso, D. Júlia Formigal Luzes, D. Olinda Cortegaça Alces e filha, Senhora de António Ferreira, D. Sara Ribeiro Freire de Andrade Salazar d'Eça, D. Maria do Loreto Manuel de Borja Trindade, D. Maria de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Alice Feio, D. Maria Luiza e D. Sara Maria de Serra e Moura de Lemos Lisboa, D. Maria José de Aboim do Quental, D. Natália Ferro, D. Maria de Barros Pimentel, D. Maria da Conceição Pereira d'Eça, D. Maria Fernanda Carvalhal Correia Henriques, D. Gracinda de Castro Araujo, D. Maria Margarida Franco dos Santos, D. Maria de Lourdes de Mendonça, D. Mariana Duarte Silva, D. Celeste Conceição Caroço Cabral Pinto, D. Celeste Dias Barbosa, D. Maria Manuela Carvalho Feio, D. Iria Montelano, D. Maria da Conceição Caroço Santos, D. Maria de Freitas Pais, D. Gracinda de Abreu, D. Maria Herminina de Oliveira Pais, D. Fernanda do Quental, etc., etc.

Casamentos

Celebrou-se na paroquial de Coração de Jesus, a Santa Marta, presidido pelo reverendo prior, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Sára Candida Pereira Cabral, gentil filha da sr.ª D. Sará de Albuquerque Cabral e do coronel de cavalaria e ilustre governador geral da Provincia de Moçambique sr. José Ricardo Pereira Cabral, com o sr. Luiz da Gama Lobo Salema, filho da sr.ª D. Maria José Pinto da França Salema e do sr. Manuel da Gama Lobo Salema, tendo servido de madrinha a mãe da noiva e de padrinhos o pae da noiva e os srs. Salvador Bento da França e Antonio Salema.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, á praça Marquês de Pombal, um finíssimo lanche da pastelaria «Ferrari», partindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas para o Estoril, onde fôram passar a lua de mel.

Na assistência á cerimónia notavam-se as seguintes pessoas:

José Salema e esposa, dr. Alberto dos Reis, esposa e filha, D. Maria Izabel da França Tamagníni, D. Maria Bernardina da França Perestrelo, D. Maria Rita da França Trigoso, D. Maria Madalena da França, D. Margarida da Gala Lobo Salema, D. Izabel Torres Pereira Cabral, D. Albertina Simões Torres, D. Sofia Simões Torres, José Manuel Figueira Freire e esposa, dr. Francisco Ferrão de Castelo Branco e esposa, Comandante Silva Pais, esposa e filhas, dr. José de Almada e esposa, D. Ema Torre do Vale e filha, D. Fanny Maia, Comandante Luis Couceiro e esposa, dr. Alvaro de Castro e esposa, senhora de Amaral Polónio e filhas, João Pinto Coelho e esposa, senhora de Ribeiro da Silva, Francisco de Avilez, Diogo Salema, Tenente Amedo, D. Francisca Maria Ana de Melo Breyner Cardoso de Meneses (Margaride), D. Rita e D. Zulmira Gois Pinto, Capitão Luciano Granate, dr. Melo e Castro, Sebastião Perestrelo de Vasconcelos, Manuel Torres do Vale, D. Antonieta Guiol Pereira Cabral, Mário Maia, Armando Silva Pais, Henrique Monteiro, Mário Andrade.

Os pais, noiva e seus filhos fôram de uma cativante amabilidade para com os seus convidados, pondo assim mais uma vez em destaque suas fidalgas qualidades de carácter.

— Na paroquial de S. Vicente, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Violeta de Sousa Nunes Nogueira, gentil filha da sr.ª D. Júlia Sousa Nunes e do capitão de infantaria da Guarda Nacional Republicana sr. Joaquim Gois Nogueira, com o sr. João Sousa Ferreira, filho da sr.ª D. Ernestina Maria Sousa Ferreira e do sr. António Sousa Ferreira, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Ana Monteiro Cardoso e D. Maria Luiza Rodrigues Flores Pimenta e de padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Eugénio Simões Pimenta.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de festas do Grémio de Traz-os-Montes um finissímo lanche, seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria da Conceição Pereira, interessante filha da sr.ª D. Mariana Beatriz Pereira, já falecida e do sr. Manuel Pereira, com o sr. José dos Reis Honrado, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Honrado e do sr. João de Sousa Honrado, já falecido, servindo de madrinhas as sr.as D. Beatriz Pereira Ventura Frade e D. Dulce Pereira Lopes Honrado,

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da irmã da noiva, um finissímo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artisticas prendas para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Na paroquial dos Santos Reis, ao Campo Vinte Oito de Maio, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria da Conceição Neves, interessante filha da sr.ª D. Gertrudes Xavier Neves e do sr. João Baptista Neves, com o sr. Gustavo Garcia e Costa, filho da sr.ª D. Helena Garcia da Costa e do sr. José Ladislau Bartudo Costa, já falecido, tendo servido de madrinha a sr.ª D. Maria Carolina Sousa Lara e a mãi do noivo e de padrinhos os srs. João de Sousa Lara e o dr. Eduardo Garcia e Costa.

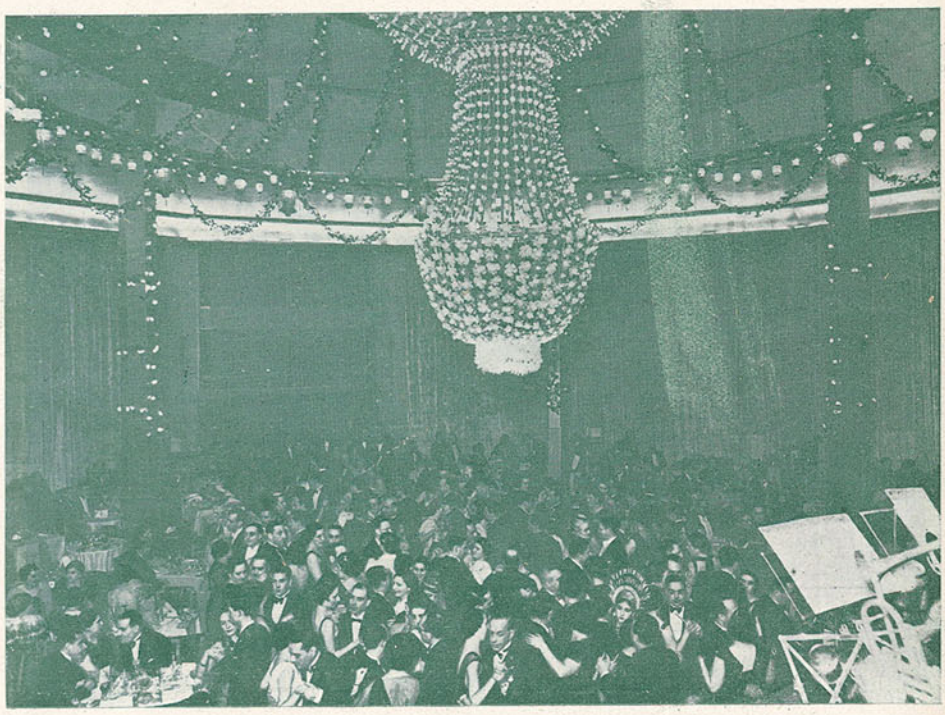
Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finissimo lanche da pastelaria «Versailles» recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Maria Adelaide do Nascimento Jesus Moita, para seu filho Francisco, a sr.ª D. Alice Matos de Oliveira, gentil filha da sr.ª D. Mariana Matos de Oliveira e do sr. Américo de Oliveira, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Celebrou-se na paroquial de Santa Izabel, o casamento da sr.ª D. Augusta Reis interessante filha da sr.ª D. Guiomar Domingues dos Reis e do sr. Joaquim António dos Reis, com o sr. Hugo da Assunção, filho da sr. D. Júlia da Assunção e do sr. Abel da Assunção, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Mariana Reis de Aguiar e D. Raquel Sena e de padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Sertório Sena.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

D. Nuno.



O Carnaval no Estoril

Um pobre envergonhado, acossado pela fome, dirigiu-se a um ricaço avarento.

— Perdoi-me importuná-lo, mas não estou acostumado a pedir.

— Pois veio bater a má porta, porque eu não estou acostumado a dar.

■

No tribunal.

— Conhecia a vítima? pregunta o juiz a uma testemunha.

— Sim, senhor.

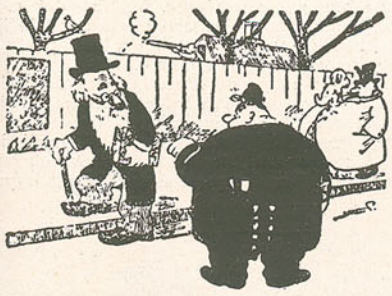
— Sabe se estava em boas relações com o marido?

— Viviam como dois pombinhos, a ponto de ninguém supôr que fôssem marido e mulher. Eu só o soube quando êle a matou.

■

Desabafo dum caçador:

— Calcule o meu amigo. Eu estreava-me na caça. Passa um coelho. Imagi-



DISTRACÇÕES DE SÁBIO

— Porque vai com um pé em cima do passeio, e o outro em baixo?
— Oh! muito obrigado! tirou-me duma grande aflição pois supús que começava a coxear...

ne! Que bela coisa! Meto a espingarda à cara, apontei, puxei o gatilho, e o tiro partiu...

— E o coelho?

— O coelho também.

■

Num jantar, um indivíduo muito surdo, sopra a sopa que está a ferver.

Uma dama que se encontra a seu lado, diz-lhe amavelmente:

— Sua mulher está hoje encantadora!

— Bem boa! bem boa!... mas muito quente... — murmurou êle, supondo que lhe falavam da sopa.

■

Casada de frêsco, Adelina vai visitar a mãi, a quem dá parte da sua felicidade conjugal.

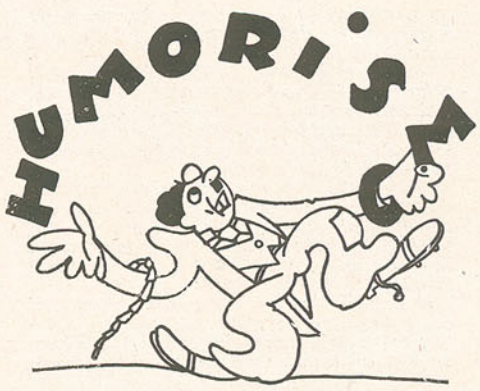
— Não imagina mamã. O Artur adora-me. Ainda esta manhã me disse que o seu maior desejo seria ir viver comigo para uma ilha deserta...

— Essa agora! — ruge a mãi abespinhada — então êsse patife julga que eu não sei nadar?

■

Um antigo espèculador, muito conhecido pela sua falta de escrúpulos, tendo arranjado colocação para um filho numa casa bancária, dá-lhe vários conselhos, com tôda a ponderação.

— Faze por agradar em tudo quanto



possas. Recomendo-te, antes de tudo, que sejas duma honradez absoluta... pelo menos, nos primeiros meses.

■

Dois moços de fretes muito amigos conversam sôbre coisas da sua vida.

— Olha, José — diz o mais velho — tenho lá na terra uma sobrinha que está mesmo a calhar para ti. Fazias um bom casamento.

— E' bonita?

— Nem tu fazes ideia. Agora, quando a fôres vêr, tens de lavar a cara e os pés, cortar o cabelo e vestir camisa lavada.

— Ena, tantos trabalhos! E se calha eu não gostar da rapariga?

■

— São muito interessantes os chás em casa da Menezes. Conversa-se, diz-se mal das vidas alheias... E, a propósito, vais lá amanhã?

— Ora essa... eu nunca falto a título de precaução. Sei perfeitamente que se lá não fôr, venho a servir de assunto.

■

— Estás muito convencida da fidelidade de teu marido... Pois ontem, quando fui visitar-te, encontrei-o no corredor e tive

COMENTARIO DUM LARAPIO

O preso aguardando julgamento: — *Não sei francamente porque espera o juiz para organizar as minhas férias.*

trabalho em desembaraçar-me dele, por que me quis dar um beijo...

— E' que te confundiu com certeza com a nossa criada de quarto, e dessa não tenho eu ciumes.

■

— Que habilitações tem?

— Não entendo.

— Sabe escrever?

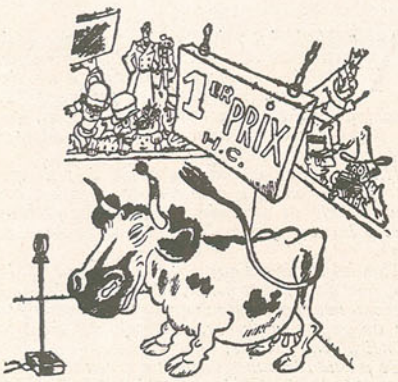
— Francamente não lhe posso dizer se sim ou se não. Para falar a verdade, embora mal pareça, nunca experimentei.

■

Entre dois actores de província:

— A primeira vez que representei em S. Tiago do Cacem, o público, à saída, desatrelou os cavalos do meu carro, e transportou-me em triunfo até casa...

— Quando eu lá estive, não me fizeram



APÓS O CONCURSO AGRÍCOLA

A vaca premiada: — *Estou radiante por ter ganho o primeiro prémio. Agora penso em dedicar-me ao cinema.*

o mesmo, porque não tinha carro. Mas descalçaram-me as botas, e levaram-me às costas.

■

Numa aula de alemão, o professor manda escrever na pedra a palavra *Frau*. O aluno, lembrando-se das vogais longas, escreve *fraau*.

— Não, senhor, corte-lhe um *a*.

Hesitação do aluno.

— Então porque espera?

— E' que não sei bem se devo cortar o primeiro, se o segundo.

■

O criado depois de bater delicadamente na porta, entra pelo quarto de um hóspede, chegado na véspera, e acorda-o.

— Queira desculpar. O senhor é que desejava partir hoje no comboio das seis e meia?

— Sou eu mesmo.

— Pois eu vinha dizer-lhe que pode continuar a dormir descansado porque o comboio partiu justamente há cinco minutos.

■

— Quantas pessôas de família tem?

— Cinco.

— Não é pequeno encargo, não. Há de ter que se apoquentar bastante para dar de comer às cinco...

— Qual história! Lá em casa jantamos às seis e meia!...

PÁGINAS FEMININAS

A vaidade é um dos sentimentos, que mais facilmente se perdoa à mulher, é mesmo o defeito, — porque a vaidade é um defeito — que o homem mais facilmente lhe desculpa, sobretudo a vaidade da beleza, que êle julga ser ainda uma homenagem da mulher, que lhe deseja agradar.

Há muitos casos em que assim é, pois que em geral a mulher apaixonada, tem um ardente desejo de ser bela, para melhor prender a si o homem que é alvo de todos os seus sonhos.

Mas há mulheres que são vaidosas por egoísmo, que querem ser belas, não para agradar a alguém, mas para estontear todos, e, para ofuscar as outras mulheres, no desejo de serem as primeiras entre tôdas.

Se a vaidade das primeiras e o seu desejo de agradar são desculpáveis e até um certo ponto compreensíveis, a vaidade das segundas é repelente, pelo excesso de egoísmo, que revela e por certa baixeza de sentimentos que denota.

A mulher foi sempre e há de ser «coquette» e vaidosa, mas tudo tem limites e na nossa época, êsses limites são muitas vezes transpostos e ultrapassados, duma maneira, que se torna às vezes ridícula.

E' natural que a mulher se arranje, se componha, procure embelezar-se, tenha pela moda essa natural atracção da natureza feminina.

Nada pode haver de mais desagradável do que uma mulher desleixada, mal penteada, vestida sem gôsto, pouco cuidada na sua higiene, mas também é necessário não recair no extremo oposto.

A mulher de hoje modifica-se de tal maneira, que chega a refazer um rosto totalmente diferente, daquele com que a natureza a dotara e nem sempre com vantagem, para a sua aparência pessoal.

Nós conhecemos um dia, uma senhora, interessante de cabelos escuros, olhos bonitos, sobrancelhas regulares, boca delgada e dali a tempo encontramos uma senhora loira com as sobrancelhas mefistofelicamente em bico, boca em forma de coração, tez doirada pelo iodo e afirmam-nos que essa senhora é a mesma que conhecemos há tempo, e, também que está um pouco ofendida, porque a não a cumprimentamos com amabilidade ao cruzar-nos na rua.

Esta última exigência é um pouco forte, porque é muito difícil reconhecer um rosto, que por completo se modificou e que revela mesmo na senhora, que assim se transtornou, uma inoulgar vocação para a caracterisação.

Mick Minter o célebre «dectetive» dos romances policiais não o faria melhor, estou bem certa disso.

Mas acertou desta vez a vaidade feminina no seu desejo de beleza?

Nem sempre, porque muitas vezes a senhora que conheciamos antes era muito mais bonita, do que nos apresenta uma reprodução dos rostos das bonecas de figurino, que por tôda a parte se folheia.

A mulher querendo-se tornar linda banalisa-se, porque toma o rosto de tôda a gente.

Se a senhora que assim se modernisa, é casada, não sei qual possa ser a impressão do marido, ao ver de repente a seu lado, um rosto extranho.

Mas se realmente êle gostava da senhora que tinha escolhido para companheira da sua vida, não só pelos seus dotes de inteligência e coração, como também pela sua beleza física, deve sentir uma extraordinária sensação ao constatar que ela já não é a mesma.

Se tem filhos ainda pior deve ser a impressão das crianças, não reconhecendo já o rosto, que desde que abriram os olhos à luz deste mundo, se tinha habituado a ver inclinado para o seu berço na mais doce expressão: a do amor maternal.

E' outra a sua mãi e passados meses será ainda outra, porque habituada a seguir a moda; de cabelo castanho passará a loira, de loira a «platinée» e amanhã terá o seu cabelo da mais

rutilante côr «auburu» segundo o que a mulher do dia em Paris fôr loira, «platinée» ou «auburu» e a sua pele será branca, rosea, doirada, ou todada, segundo a côr da pele da mulher da moda.

A vaidade é desculpável na mulher, mas o bom senso é a sua melhor qualidade, e a mulher que se quer impôr à admiração de tôdas, ao amor do seu marido, ao carinho e respeito dos seus filhos, tem de ter a sua personalidade bem marcada, o seu gôsto pessoal vincado e não ser como tôdas e ter a aparência de um figurino para modista.

A elegância está na distinção e no culto pessoal e é disso, que é preciso que a mulher de hoje mais culta, do que a de ontem se capacite e proceda em coerência com essa superioridade que pretende possuir.

Maria de Eça.

A moda

Temos sempre de ver a moda segundo a feição que ela apresenta e segundo a época do ano. E' mais difícil do que nunca, na nossa época, falar da moda.

Ela varia de mês para mês, nunca a moda foi tão variável e nunca a mulher foi tão voluvel nos seus gastos e na sua aparência.

A mulher dos nossos dias tem uma tal ânsia de coisas novas, que até a sua aparência se modifica continuamente.

Muitas vezes acontece não reconhecermos à primeira vista, uma senhora que há muito não viamos. Antigamente havia senhoras que tôda a vida usavam o mesmo penteado.

Esse penteado era uma das suas características. Agora não é assim: as senhoras mudam de penteado várias vezes ao ano e de aparência continuamente.

Segundo a estação, também é diferente o desporto a que se dedicam e aí temos um novo tema de modas, pois que cada desporto exige uma «toilette» apropriada.

Nesta época em que a Serra da Estrêla o nosso centro de desportos de inverno, reveste o seu branco manto de arminho, que lhe forma a neve, que o gêlo endurece; estão em dia de desporto da patinagem e do «ski».

A mulher nunca se resolve a fazer desporto sem ter a «toilette» que lhe é devida. Aqui temos pois dois modêlos para «toilettes de «ski».

Um deles é muito interessante. Calções em «jersey» castanho impecável casaco em coiro castanho forrado de pele de carneiro, guarnecido com dois botões que representam os discos do «ski» chapelinho em «jersey» e luvas de pele de cavalo forradas de pele.

O outro é mais simples. Calções em «jersey» impermeável verde garrafa e casaco impermeável branco, forrado de lã «cachecol» em lã às riscas vermelhas, brancas e verdes, luvas de lã e chapelinho também em lã, qualquer dos trajos exige as botas ferradas e as indispensáveis polainas de lã.

Na primavera vão usar-se imenso os vestidos em «tricot» e como levam tempo a fazer é bom prevenirmo-nos com tempo. Aqui vão dois modêlos um de saia e casaco usado por Gladijs Swarthout da Paramount tem um lindo ponto e bastante originalidade no feitio.

O outro um cómodo vestido para casa é usado com a maior elegância por Madge Evans, a linda estrêla da Metro Goldwyn Mayer.

Feito com dois pontos diferentes dá um lindo efeito, porque um dêles, dá perfeitamente a impressão de plissado, que é sempre bonito e que

nos vestidos de malha, tem dupla vantagem a de dar roda e de evitar que as formas do corpo marquem, e não deixam formar na saia as feias e inevitáveis joelheiras.

E' também Madge Evans que nos apresenta um lindo vestido para jantar, em seda «imprimée» que nos vem provar a persistência das sedas «imprimées» na moda actual.

Duma forma simples e ampla êste vestido fará valorizar a «silhouette» gentil duma esbelta senhora que tenha o bonito corpo da conhecida artista.

Uma linda «toilette» de noite em «lamé» que é tapada por um casaco em veludo branco e arminho, guarnecem a esbelta figura da linda Gertrude Michael, que a Paramount se honra de ter como artista.

Este casaco é da maior elegância e dum luxo de bom gôsto, que enfeitam uma mulher «chic».

A moda exige à mulher que a segue fielmente uma variedade de «toilettes» para tôdas as horas, que exigem uma fortuna.

Está no bom senso de cada senhora de orientar o seu orçamento e de não sair dêle. Sabendo escolher o que lhe convém, e, há muitas senhoras que se vestem muito bem sem fazer despesas exageradas.

As cidades e a beleza

Os sábios provam que a atmosfera das grandes cidades não é favorável à beleza, e, entre as grandes cidades, Paris é única delas que

mais danifica a beleza natural da mulher, sendo aquela que mais se ocupa da sua beleza artificial.

A parisiense é sem dúvida a mulher mais elegante do mundo, mas não é a mais bonita. A intoxicação do ar de Paris em que há milhares de micróbios por metro cúbico, reflete-se na cara dos seus moradores e dum modo especial nas mulheres, mais delicadas e mais sensíveis.

Apesar da pintura, a parisiense não consegue dar a impressão da frescura da pele.

Tôdas as mulheres que vivem todo o ano, em Paris trazem no rosto uma marca do cansaço, que lhe diminui a beleza.

O motivo principal é a quantidade de fábricas,

que há dentro da cidade e que a rodeiam, numa cintura de fumo e de emanações, que prejudicam o equilíbrio da saude.

A Associação Feminina de Higiene preocupada com a presença de miasmas que deterioram a beleza, trabalha há anos na modificação dêste estado de coisas, sem nada conseguir. As fábricas continuam e as mulheres perdem a frescura.

Não envelhecer

É êste o supremo desejo da maioria das mulheres. Ver desaparecer pouco a pouco, ver morrer a sua beleza, de que a velhice é a maior inimiga é o grande tormento feminino.

As pinturas, os cosméticos, são os meios a que em geral recorre como salvadores de quem tudo espera. E êles nada fazem senão acentuar os estragos que a vida e a idade cansam.

Tudo o que é natural deve aceitar-se com naturalidade, envelhecer é natural por isso temos de corajosamente encarar com essa verdade.

E saber envelhecer é tudo, aproveitar da vida aquilo, que ela nos dá quando já a juventude nos abandona.

Todas as idades têm as suas vantagens e não são as menores as que nos trás a idade madura.

Para não envelhecer seria preciso não viver e vir a êste mundo para não viver, para não vibrar e não sentir seria uma triste coisa.

E mesmo assim nada conseguiriamos, os anos acabam sempre por triunfar da beleza e da juventude, o que é preciso pois, não é lutar contra o inevitável, não é não envelhecer mas sim saber envelhecer.

De mulher para mulher

Adoro um José: Agradeço-lhe muito todas as suas graciosas palavras e vou fazer o possível por satisfazer todas as suas perguntas:

1.º — A noiva deve ser acompanhada no automóvel pela mãi e não tendo mãi pela madrinha de casamento. 2.º — E' conduzida ao altar pelo pai e na falta dêste pelo padrinho. 3.º — As «demoiselles d'honneur» seguem a noiva duas a duas, sem par. 4.º — É mais elegante a capeline, porque a grinalda tem-se banalisado. 5.º — A seda mais própria para o vestido é o setim, mas usam-se também outras sedas e vê-se muito o tecido com prata, a cauda usa-se agora na própria saia e deve ser grande. 6.º — O véu deve ser pelo menos metro e meio e é lindo quando acompanha a cauda. 7.º — Em Março os chapéus de «toilette» são já em palha, usam-se tanto as palhas brilhantes como as baças. 8.º — Os convidados devem levar casaca ou pelo menos fraque. 9.º — A pedra é a turmalina. 10. — No dia do registo oferece-se um chá. Termino desejando-lhe todas as felicidades.

Higiene e beleza

As frieiras: Eis um dos maiores tormentos da mulher cuidadosa, das suas mãos, no inverno. Nada mais feio do que as mãos inchadas e vermelhas e que algumas vezes chegam á ulceração.

E' preciso sempre que se lava as mãos, fazer-lhes uma pequena aplicação de glicerolado de amido. Mas as frieiras são sintoma duma circulação defeituosa. E' necessário fazer várias vezes durante o dia movimentos de ginástica com os dedos.

Deve imitar-se sôbre uma meza o tocar escalas, e fazer com os dedos movimentos variados elevando as mãos á altura da cara. Êste tratamento deve ser completado fazendo todos os dias uma pintura ás mãos, duas vezes por dia com a seguinte combinação: Tintura de iodo 5 gramas, alcool a 90.º 15 gramas.

E' também muito vantajoso fazer uns banhos quentes ás mãos em partes iguais, água simples e água oxigenada a 12 volumes. Mergulham-se os dedos durante um quarto de hora a vinte minutos, em seguida calçam-se as luvas de lã aquecidas. E' de tôda a vantagem não deixar arrefecer as mãos e usar luvas quentes.

Receitas de cosinha

Miolos á «Massagran»: — Empregam-se indiferentemente os miolos dum boi, dois de vitela ou quatro de carneiro. Qualquer que seja a qualidade dos miolos, devem ser primeiro passados em água corrente, a fim de se desembaraçarem das partes sanguíneas que os cercam. Tiram-se-lhes as membranas que os rodeiam.

Cozem-se os miolos numa ligeira fervura. Escorrem se e partem-se em filetes. Faz se um môlho com gemas de ovos e alguns cogumelos cosidos e partidos aos bocados.

Enrolam-se 600 gramas de puré de batatas, formando um rolo em volta do prato de ir ao forno que deve estar barrado de manteiga, êsse rolo deve ser bastante alto. Colocam-se no meio os miolos, deita-se por cima dos miolos o môlho, e leva-se ao forno a alourar.

A MULHER E OS PINTORES

A beleza feminina deve ser grata aos pintores. Todos os artistas são em geral inspirados por uma musa. Os poetas cantam nas mais inspiradas estrofes o encanto da mulher. Os prosadores descrevem nas mais inflamadas páginas, a beleza da heroína do seu romance, que é em geral o tipo de beleza sonhado ou visto, que os apaixona e leva a produzir verdadeiras obras primas, mas a nenhum artista a mulher é devedora de maior gratidão do que aos pintores.

O pintor deixa-nos a mais perfeita reprodução da beleza feminina atravez dos séculos.

Desde os autores dos frescos de Pompeia, aos pintores dos nossos dias podemos dizer sem mêdo de errar que ao pintor se deve o conhecimento da beleza atravez do séculos e o poder fazer-se uma idéia do que era considerado um tipo de beleza, em cada época.

Porque a beleza modifica-se de época para época e o que nós hoje consideramos uma mulher bonita teria sido feia há trinta anos, horrorosa há cinqüenta, e quem sabe se bela, há cem ou duzentos anos.

A beleza é subjectiva e portanto varia. Há no entanto belezas que persistem através do séculos. A beleza clássica grega, é sempre a grande beleza em todos os tempos, póde ser mais ou menos apreciada, mas tem de ser fatalmente admirada.

A «Gioconda» de Leonardo Vinci, será sempre em tôdas as épocas uma mulher sedutora, perturbante, misteriosa, e séculos passam e a sua beleza, que um génio popularisou, tem todos os dias, que Deus deita ao mundo, um grupo de admiradores diante dos seus encantos que floriram há quatrocentos anos.

A «Fornarina» de Rafael será sempre admirada e a sua doce beleza tão italiana e tão suave será sempre admirada, pois o grande artista imortalizou-a. As grandes belezas que iluminaram o mundo com a sua graça não seriam conhecidas se os pintores as não tivessem imortalizado e perpetuado até aos nossos dias.

Mas não são as belezas antigas, as mais desconhecidas. Em geral conhecemos menos aquelas que nos precederam e é êsse o motivo que me leva hoje a lembrar as belezas de há trinta anos e os pintores que as imortalizaram. Há trinta anos o tipo de beleza não era nada que se assemelhasse com o tipo de beleza de hoje. A figura feminina de cintura estreita e peito alto e redondo, ancas largas, nada se parecia com a mulher de hoje, esguia e sem fórmas, flexivel e um tudo nada masculina.

O rosto era belo se a natureza assim o fizera. Não havia uma senhora que ousasse pintar-se e aquelas que queriam retocar a sua beleza, um pouco fanada faziam-no tão levemente, que quási se não percebia. A mulher era bela porque o era, o seu tipo de beleza era o da época, porque assim nascera e não porque assim se fizesse.

Se lançarmos um olhar para os pintores franceses, que de 1900 a 1908 fixaram na tela a formosura e o encanto das mulheres do seu tempo, nós temos a nitida impressão do que era a elegância e a beleza da mulher de então, que foi a mulher de ontem.

No seu feitio moral, a mulher dessa época diferia muito da mulher de hoje. Começava talvez no cérebro da mulher do principio do século vinte, a germinar um certo desejo de independencia, que a introdução, quási a mêdo, do desporto, encaminhava para uma maior desenvoltura.

Jogava-se o «tennis» e o «diavolo», montava-se a cavalo, e fazia «biciclette», e eis tudo. Que longe se estava da arrojada motorista e da a viadora intemerata, que só, numa avioneta, atravessa mares e bate «records» de altura e de velocidade.

Ainda muito impregnada de romantismo o ideal da mulher era amar e ser amada, casar, fundar um lar, e ser admirada na sociedade, surgiam as primeiras feministas, que encontravam nas mulheres, as suas maiores inimigas, porque vinham transtornar a comodidade da sua vida, dependente, talvez, mas sem responsabilidades de maior e rodeada de conforto.

Paul Bourget, o grande romancista mundano dá-nos fieis retratos, das mulheres daquela época, nos seus estudos da psicologia feminina, estudo que tantas canseiras tem dado aos romancistas e escritores de tôdas as épocas.

Mas melhor ainda do que os escritores, os pintores deixaram-nos uma verdadeira galeria de retratos, que personificam a beleza da mulher e a sua elegância, nos primeiros anos de 1900.

Chartran, o grande pintor francez, que morreu em 1907 deixou-nos entre as suas mais belas obras, um lindo retrato de sua mulher, que define bem a delicada beleza loira dessa senhora que foi uma das mais lindas mulheres de Paris do seu tempo.

Flameng o grande pintor a quem a formosura feminina também muito deve, deixou-nos verdadeiras obras de arte que demonstram o seu alto talento e a beleza da mulher de seu tempo entre êles o célebre retrato de M.me Henry Réguier, que além de ser um magnífico retrato é um belo estudo de efeitos de tule sôbre setim.

Paul Chabas também ligou o seu nome ilustre à mulher do seu tempo produzindo um sem número de obras de arte, que não só imortalizam o seu nome, como o das mulheres que retratou e tantas foram elas.

Aimé Morat, Jules Lefebvre, Cormon, Henry Royer e tantos outros nomes bem conhecidos, dedicaram os seus pinceis à reprodução da beleza feminina deixando elementos preciosos para o estudo psicológico da mulher, que bem interessante será para os vindouros porque a mulher do princípio do século vinte, terá um grande interêsse para os estudiosos, pois marca o fim duma época da vida feminina, que em 20 anos sofreu uma tão grande reviravolta.

A mulher sonhadora de 1900, romantica, um pouco indolente, duma graciosidade tôda feminina, que a sua «silhouette» perturbadora bem demonstra, penteada como no século dezoito, com a sua farta cabeleira côr de oiro ou de ébano, disposta em fartas ondas e caracois, teve nos pintores do seu tempo, os fieis reprodutores da sua beleza, tão feminina.

Tímida e ousada ao mesmo tempo, dum requinte extremo nas suas «toilettes á falhalas», a mulher dessa época será para os estudiosos de aqui a cinqüenta anos um verdadeiro assombro, porque a continuar a mulher a fazer a vidá que actualmente faz e a seguir o homem na sua vida de estudos e de ar livre, de desportos e de profissões, nós poderemos dizer que a mulher de 1900 a 1914 ficará na história feminina como a última representante da feminilidade, na sua vida íntima no lar, e na sua vida de sociedade, únicas maneiras de viver que eram compatíveis com a dignidade duma senhora e com o respeito que a si própria devia. A mulher dessa época é bem a representante da gracilidade feminina, em todo o seu encanto e tôda a sua graça.

Maria de Eça.

O ESTIGMA DA RATARIA

Era uma vez um ratinho, preto, luzidio, esperto e lambareiro, com um rabinho pequenito e elegante e que tais manhas e artimanhas tinha e sabia e em tais artes para petiscar do que lhe não pertencia era perito, que, nas redondezas do buraquinho escuro onde vivia, não havia bichinho igual. Chamava-se Brim-lim-brim.

Pequenino, delgadinho, conseguia esgueirar-se sempre, atravez das mais estreitas brechas, onde metia sem dificuldade o corpito esguio, e tão bem se escondia que não era possível dar por êle.

O celeiro das senhoras Formigas, sofria, de vez em quando, tal razia que as deixava semi-apatetadas, de patinhas na cabeça, em grande aflição por verem assim perdido tanto trabalhinho.

— Fi, ai! ai! — gemiam elas:

O nosso rico celeiro,
Dantes tão abarrotado,
Está vazio, está vazio!
Tanto trabalho perdido!
Foi o rato, um trapaceiro,
Brim-lim-brim, larápio ousado!
O celeiro está vazio,
Brim-lim-brim, estás escondido
Mas hás-de ser castigado!

E não eram só as Formigas que se lamentavam!

Isso sim! Lobo, raposa, toupeira, esquilo, coelho, todos se queixavam do Brim-lim-brim, que na sua tocasinha, onde nenhum bicho cabia, se regosijava vendo encher-se a casa, graças à sua actividade.

Veloz, ágil, ei-lo fazendo impune os seus roubos! Em pêso, todo o bosque protestava contra o ladrão.

Um dia, Brim-lim-brim topa na vizinhança com uma ratinha adorável, focinhito belo e arteiro, que no coração do ratinho fez brotar lesto o desejo de constituir um lar.

Passaram-se uns dias de persistente namôro, em que, contra o costume, a vizinhança não teve que registar nenhum dos audaciosos roubos até aí diàriamente cometidos.

Pudera, não!

Se Brim-lim-brim passava agora o tempo frente à janela da sua apaixonada, tangendo viola e cantando!

— Minha linda, linda rata,
O teu focinhito tem
Para mim, maior valor
Que um presunto, um bolo, um queijo!
Foge o sol de minha vida,
Se acaso tu, ó meu bem,
Não me dás o teu amor!
Sinto que môrro de dor
Nos dias que não te vejo...

E esganiçava-se muito... como para melhor dar a nítida impressão do esforçado sentimento que lhe ditava tão sensíveis palavras!

Breve foi conhecida no bosque a paixão do Brim-lim-brim, e breve também, o pai de Ri-ri, foi avisado do péssimo defeito do pretendente.

Então o senhor rato Bão-lão, que se orgulhava de descender da mais ilustre progénie ratina, procurou Brim-lim-brim, e falou-lhe nestes termos:

— Brim-lim-brim!
Bem me constou
Que a minha linda Ri-ri
Pretendes em casamento!
E lamento!
Mas genro que tem defeitos
E defeitos bem ruins,
Que a todo o bicho roubou,
Não posso ceder
Ri-ri,
Ratinha
Formosinha,
Educada,
Prendada
E bem fadada
Se sempre quiser casar,
Brim-lim-brim!
Tem de tratar
De se emendar!

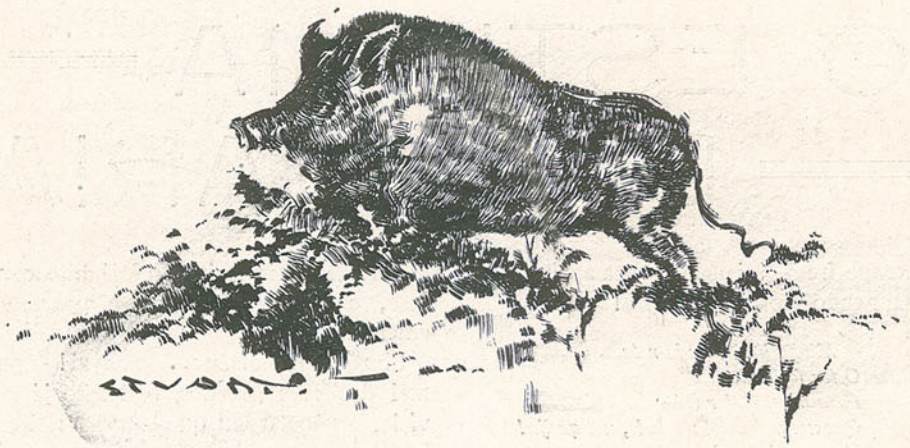
Brim-lim-brim baixou o focinhito, confuso, e envergonhado... e prometeu emendar-se.

Sim... prometeu... mas ai! — por mal dos seus pecados, o defeito já era vício, e não tardou que o nosso ratinho começasse a sentir saudades dessas correrias pela calada da noitinha, que tinha por fim encher a despensa dos acepipes, ganhos legalmente pelo esfôrço honrado de outros bichos.

E, certa noite, ouvindo gabar o esplêndido açúcar que Dona Formiga ofertára ao amigo Esquilo, tratou de lhe assaltar a residência. Esquecera-se dos olhos da ratinha...

E o mau foi começar... Voltaram os bichos a lamentar-se e a vociferar contra o ladrão.

Foi avisado o Rato Bão-lão, que proibiu a filha de pensar mais em semelhante patife



Ri-ri, chorou, chorou, porque decididamente gostava muito do corpo esbelto e do focinhinho arteiro do Brim-lim-brim, e no fim, resolveu tentar o impossível para regenerar o noivo.

E vai daí, que fez?

Procurou o gato, o terrível polícia da terra, sempre assanhado com a sua bigodeira hirsuta, e pediu-lhe:

Senhor gato!
Por favor!
Queira dar
Uma lição
Ao meu rico
Brim-lim-brim,
Que é um rato
Endiabrado!
Algum pavor,
Talvez então,
Que depois de castigado,
Se possa vir a emendar...

E o gato prometeu, comovido pelas lágrimas da formosa ratinha.

Certa noite, escura como breu, e musicada por um terrível concerto de vento e trovões, Brim-lim-brim tentou uma sortida contra a despensa de Raposinha, que tinha um esplêndido queijo guardado...

Apesar de cauteloso, não deu fé dos dois pontinhos fosforescentes que o seguiram sempre...

Roubado o queijinho, ei-lo que volta apressado para casa. Nisto, um bafo, um "miau" enfurecido, e o nosso rato, cheio de terror, larga o queijo, e foge com tôda a velocidade que lhe permitem as perninhas, em direcção à sua toca.

O senhor gato seguia-o de perto...

Brim-lim-brim, cego de susto, esbarra aqui e tropeça acolá... até que chega ao seu buraquinho, onde se precipita na alegria de se sentir salvo!

Mas, oh, azar! Eis que se sente prêso pela cauda tão graciosa, de que tanto se orgulhava!

Então, desesperado, puxou, puxou, puxou loucamente... Quando emfim, se sentiu livre dessa prisão, e olhou curiosamente para trás... quási desmaiou de espanto!

O seu lindo e diminuto rabinho, crescera, crescera lento, que mais parecia uma lombriga, muito maior que todo o seu corpo!

Pobre Brim-lim-brim!

O que êle chorou, o que êle se lamentou!

E tudo por culpa do seu vício de roubar!

No dia seguinte, a bicharada prevenida, veio juntar-se em volta do seu buraquinho, bradando cheia de regosijo:

Brim-lim-brim, rato ladrão...
Foi bem dada esta lição!
Que ela te sirva de emenda,
Porque foi grande e tremenda!
Deves ter grande cuidado
Em não fazer coisas más
Olha o rabo, Brim-lim-brim,
Porque assim
Nunca mais te esquecerás!

O ratinho, recolhido na sua tóca encolhia-se todo, cheio de vergonha e terror. E se o javali se lembrasse de fossar os alicercer da sua tão fragil habitação, e o entregasse àquela bicharada em motim que, concerteza, para se dar ares de racional lhe aplicasse a lei de Lynch?

Por menos tinham sido enforcadas algumas pessôas na Norte-América, segundo os enormes relatos dos jornais que por vezes lhe vinham às mãos a embrulhar algum pedaço de queijo?

Mas aquela bicharia limitava-se a zombá-lo, gritando sempre:

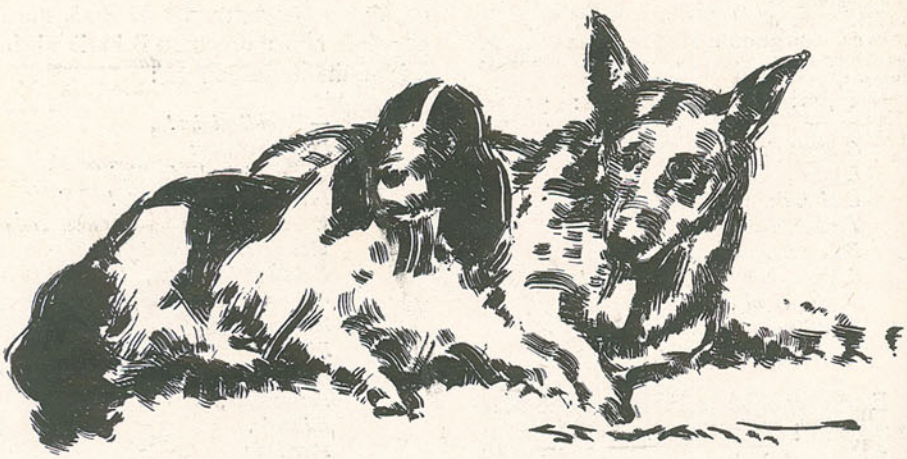
Olha o rabo, Brim-lim-brim
Porque assim
Nunca mais te esquecerás!

Valeu a Brim-lim-brim o afecto de Ri-ri, que se apressou a vir trazer-lhe consolação... quási arrependida da severidade do castigo que solicitara, tanto via chorar o seu ratinho...

Mas, finalmente, consolou-se, que não teve outro remédio... e deixou de roubar...

Já não cabia tão bem em tôdas as brechas, porque o rabinho ficava de fora...

O Bão-lão sempre deu o seu consentimento, e os dois ratinhos casaram e foram muito felizes...



Sim, mas os seus filhos, e os filhos dos seus filhos, e sucessivamente, nasceram com o rabinho grande, comprido...

É êste o estigma dos ratos ladrões e o seu castigo...

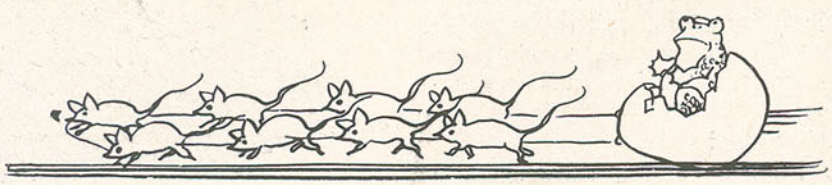
E os gatos, como não se esquecem dos seus tempos de polícias, assim que vêem um rato de longa cauda... pronto!

Ei-los assanhados e ferozes...

É que julgam tratar-se dum Brim-lim-brim, que é preciso castigar!

E era uma vez um ratinho...

Odette Passos de Saint-Maurice.



SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 76

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

CORREIO

Ti-Beado — Luanda. — Agradeço a sua remessa de listas de decifrações e lamento sinceramente o seu precário estado de saúde, desejando-lhe que o pronto restabelecimento se não faça esperar.

Dr. Sicascar — Luanda. — Renovo os meus melhores agradecimentos por tôdas as suas gentilezas e agradeço a sua remessa de listas.

IMPRENSA

Publicações recebidas

Brados do Alentejo — de Extremoz. — Com a sua habitual secção charadística *Colunas de Édipo*, sob a direcção de *Caçador* e com óptima e variada colaboração, temos continuado a receber a visita dêste interessante órgão de propaganda regionalista.

A pedido do director charadístico informamos os habituais colaboradores desta secção de que passará de futuro a ser dirigida por *Vate D'Uge*, em virtude de os seus afazeres lhe não permitirem temporàriamente ocupar-se da sua elaboração.

O Charadista — de Lisboa. — Com o seguinte sumário acaba de publicar-se o n.º 69 do decano do charadismo português: Charadismo — fundo; Resultados do n.º 66; Mais um ano!; Carta de Lisboa, de *Jofralo;* Secção Literária; C. I. C. — Desempates; Secção Charadística; Album de "O Charadista"; Notas várias; Noções sôbre charadismo; Charadismo para todos; Palavras cruzadas enigmáticas; Breves noções de poética.

APURAMENTOS

N.º 67

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

MAD IRA
N.º 13

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

VINA
N.º 16

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 12, João Ninguém; n.º 14, Vina

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 16 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Magnate, X 505, Rei Mora, Ti-Beado.

QUADRO DE MÉRITO

Capitão Terror, 15. — Salustiano, 15. — Rei Luso, 15. — Só-Na-Fer, 15. — Só Lemos, 15. — Sonhador, 15. — João Tavares Pereira, 15. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 14. — Lamas & Silva, 13. — Salustiano, 10.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 8. — D. Dina, 8. — Lisbon Syl, 7. — Yzinha, 7. — Aldeão, 6.

DECIFRAÇÕES

1 — Fungo-goso-fungoso. 2 — Cara-raça-caraça. 3 — Número. 4 — Papa-terra. 5 — Elvira 6 — Bonitos-botos. 7 — Fingido-findo. 8 — Bojarda-boda. 9 — Sor (cantar sem a). 10 — Poça-o-ão. 11 — Casa-saca-casaca. 12 — Emanação. 13 — *Despedida*. 14 — Leniente. 15 — Façoila-fala. 16 — *Cada vida, cada lida.*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) *Fui enganada,* e a sua *partida* deixou-me em *decadência*. (2-2) 3.

Lisboa — *Dama Negra*

2) A sua *doença* é devida em *"parte"* de ser *bêbado*. (2-2) 3.

Lisboa — *Zé da Burra*

METAGRAMA

3) *Por alto preço fixo* a côr; sendo barato só *tinjo* de *branco* na *"aparência"*. (4-5).

Lisboa — *Filho d'Algo*

NOVÍSSIMA

(Ao senhor director)

4) O confrade já comeu *fruta sêca?* Porque *motivo* não gosta da *espécie de dança antiga?* 2-1.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

SINCOPADAS

5) É neste *buraco* que guardo o *barco*. 3-2.

Lisboa — *Bibi (Abexins)*

6) Uma *pepuena fábula* é uma simples *alocução?* 2-3.

Lisboa — *Sepol*

TRABALHOS DESENHADOS

14) ENIGMA FIGURADO

Lisboa — Negus Negra (Abexins)

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

7) Se entre seis e dez puser
Mais cem, logo há-de encontrar
Um *costume condenável.*
Queira então verificar.

Coimbra — *José Tavares*

8) Cinqüenta e um, gritou a Rita
lavadeira!
Pois ponha lá mais onze, apita
A companheira!
E mais seis, berra também
Do lado a mãi...

E no fim a Manuela,
Já cansada de contar,
Viu que tinha na *barrela*
Trabalhado até fartar.

Lisboa — *Kardónis*

9) Se entre mil e uma mulheres
Pusermos a primeira c'um sinal,
Surdirá dessa grande multidão
Mulher carinhosa, celestial.

Luanda — *Ti-Beado*

MEFISTOFÉLICA

10) Êsse *rabino* indomável,
Pessoa feia, aleijão,
Quis tornar-se sociável:
Arranjou uma *paixão!* (2-2) 3

Lisboa — *Kid-Nyo*

(Carta ao ilustre confrade «Silva Lima»)

11) Prestante Tertuliano
E ilustre africanista!
Eis novamente o fulano
Com pretensões a edipista

Que o alvejou numa charada
E em tempo também quisera
Saüdá-lo à sua chegada
Aos domínios do «Rei Fera»,

Num estilo de «feição».
Mas o *trabalho* era mau. — 1
E ficou a saüdação
Em «águas de bacalhau».

Hoje leu sua referência,
(Aliás *rica* em fantasia) — 2
À suposta competência
Dum grande amigo. E queria

Em nome dêsse sujeito
Agradecer ao confrade
Num «trabalhinho» bem feito,
A sua muita bondade.

Mas ai! a musa, caduca,
Não se quis modernizar...
Não se pinta, usa peruca
E botinas de atacar!...

Cai-lhe o pingo do nariz!...
Velhota e sem paciência
Deu esta coisa infeliz!
Desculpe-a vossa *excelência.*

Lisboa — *Braz Cadunha*

SINCOPADAS

12) Êsse teu olhar *singelo,*
Tão traidor e enganoso,
Derruíu o meu castelo
E deu-me viver *penoso.* — 3-2

Lisboa — *Mariazinha*

13) Com meio vintenzinho,
Posso saborear
Pequena porção de vinho;
Questão é ter p'ra pagar,
À seguir, ao taberneiro,
Mesmo *pouco dinheiro.* — 3-2

Luanda — *Ti-Beado*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

PIM DE PÊSTA

Bridge

(Problema)

Espadas — D. V. 10.
Copas — D. V. 6.
Ouros — A. 8, 2.
Paus — A. 6, 3, 2.

Espadas — 8, 4, 3, 2. **N** Espadas — 9, 6.
Copas — 9, 7. **O** **E** Copas — 10, 5, 4, 3.
Ouros — D. 10, 9, 3. Ouros — 6, 5.
Paus — 10, 9, 4. **S** Paus — R. V. 8, 7, 5.

Espadas — A. R. 7, 5.
Copas — A. R. 8, 2.
Ouros — R. V. 7, 4.
Paus — D.

S marca 6 vasas em espadas. *O* sai por 10 de paus. *S* cumpre.

(Solução)

S — 9 *p.*, *O* — 10 *p.*, *N* — V *p.*, *E* — 4 *p.*
N — 8 *p.*, *E* — 5 *p.*, *S* — 8 *o.*, *O* — 7 *p.*
N — 7 *o.*, *E* — 10 *o.*, *S* — 4 *e.*, *O* — 9 *o.*
S — 10 *c.*, *O* — D *c.*, *N* — R *c.*, *E* — 5 *c.*
N — 8 *c.*, *E* — 6 *c.*, *S* — 4 *c.*, *O* — 7 *c.*
N — 2 *p.* que *S* corta. cortando *N* o 9 *c.*

Se *O* não entra com 10 *p.* sôbre o 9 *p.* de *S* ou se não cobre com a D *c.* o 10 *c.* de *S*.

S joga 10 *c.* e mais copas para *N* cobrir com R *c.* a D *c.* de *O*. *N* joga, então o V. *p.*, baldando-se *S* a 8 *o.*

N joga 7 *o.* que *S* corta com o 4 *e.*, etc., etc.

Aves que vôam em aeroplano

Bandos de andorinhas foram recentemente transportadas da Itália para a Áustria, em aeroplano, por não estarem em condições de voar sôbre os Alpes; 7 500 pintarroxos meios regelados, surpreendidos por uma onda de frio repentina na Áustria, fôram também levados para Veneza, de aeroplano e ali postos em liberdade.

As duas nações citadas, bem como a Alemanha e a Jugoeslávia há já anos que se ocupam, por esta forma, das pobres avezitas. Um frio intenso e repentino colhe às vezes, de improviso, grande quantidade de pássaros antes de poderem emigrar, e se não fôsse êste auxilio humano, rápidamente sucumbiriam.

Vestuário para carneiros

Os criadores australianos de carneiros, notaram que impedindo estes de se sujarem, se obtinha uma lã mais fina que se podia vender mais cara; por isso, na Austrália do sul 50.000 carneiros andam cobertos com uma espécie de fato, de juta, e o fabrico dêste tecido tornou-se, em Sydney, uma verdadeira indústria.

Estranho roubo

Uma senhora norte-americana Mrs. L Zeppenfeld andava passeando pelo campo, no seu carro que ela própria dirigia. Sentindo-se cançada, fê-lo parar na beira do caminho e adormeceu profundamente.

Quando acordou levou a mão á bôca, sentindo que lhe faltava qualquer coisa.

E, efectivamente, tinham-lhe roubado a placa superior da dentadura postiça.

Quão dextro havia de ser o ladrão e quão profundo o sono da senhora.

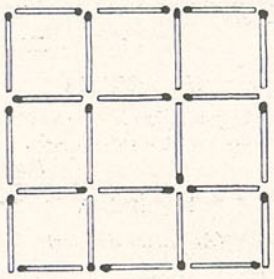
Quantos triângulos?

(Solução)

Podem contar-se 47 triângulos.

Sempre os fósforos

(Problema)



Quais são os seis fósforos que hão de tirar para fora, de modo a deixar ficar apenas três quadrados?

Tratar de casar

Em Edessa, pequena cidade grêga, desde há anos que tem abundado o elemento feminino, tornando-se absolutamente irrealisáveis as perspectivas matrimoniais devido à escassez de exemplares do sexo masculino.

O rei Jorge da Grécia, porém, passando ùltimamente por essa cidade e vendo uma grande multidão de raparigas preguntou onde é que estavam metidos os rapazes todos. Foi-lhe respondido que os rapazes em Edessa, se achavam em quantidade diminuta.

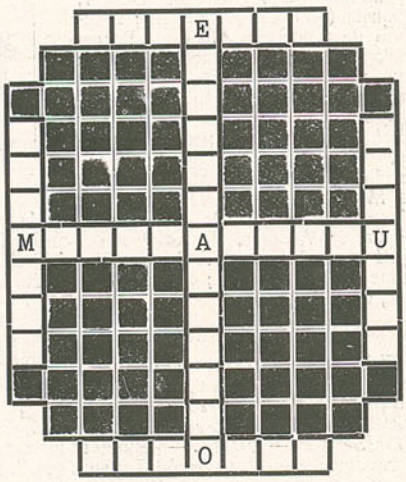
«Veremos o que se há-de fazer a êsse respeito», disse o rei, pensativamente.

Uma semana depois, um decreto do Ministério da Guerra publicado no boletim oficial do Govêrno, ordenava a transferência de um regimento de infantaria para Edessa.

E assim é fácil de supôr que os padres da localidade terão que fazer de aqui em diante, bastante que fazer.

Os nomes cruzados

(Passatempo)



Aproveitando as letras nos lugares em que se encontram, escrever aqui 8 nomes próprios, quer masculinos, quer femininos, devendo notar-se que o A central é, ao mesmo tempo, a última letra do nome precedente e a primeira do imediato. tanto no sentido vertical como no horisontal.

Anedotas

Ela: — Alfredo, eu sei que tenho os meus defeitos.

Ele: — Sim, minha querida.

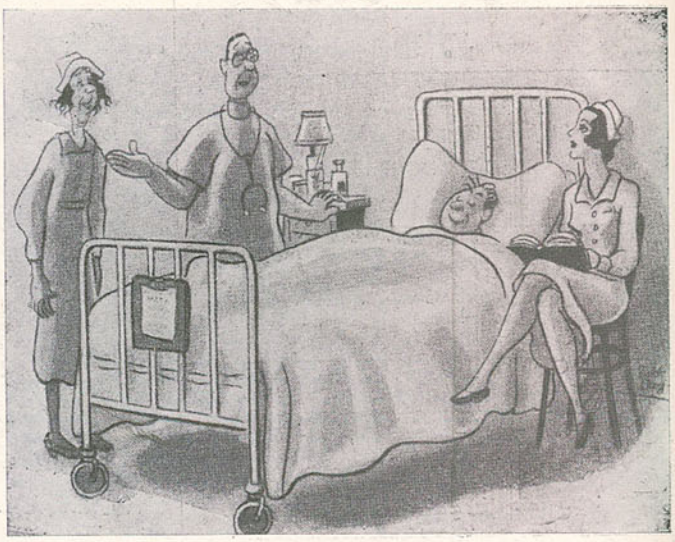
Ela (com frieza): — Ah! então era favor dizeres-me quais êles são.

■

— É extraordinário como certa gente se quer ir governando sem nenhuns utensílios domésticos — observou o Ferraz, ao seu amigo Barreto. Aqui êstes meus vizinhos novos não possuem nem uma turquez, nem uma mangueira, nem uma escada de mão, nem um serrote, nem uma sorveteira, nem um ancinho!

— Como sabes tu que êles não têm nada disso? preguntou o outro.

— Ora, porque já lhos mandei pedir emprestados.



O médico, para as enfermeiras:
— Agora, que êle está inconsciente, vocês podem revesar.

(Do «Pearson's Magazine»)

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 7.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **13$50**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA, a SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA
Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**
2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27$00
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 12

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

Á VENDA A 3.ª EDIÇÃO

AVENTURA MARAVILHOSA
DE D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL, DEPOIS DA BATALHA COM O MIRAMOLIM

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 páginas, com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**
Pelo correio, à cobrança **14$00**

Edição da LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

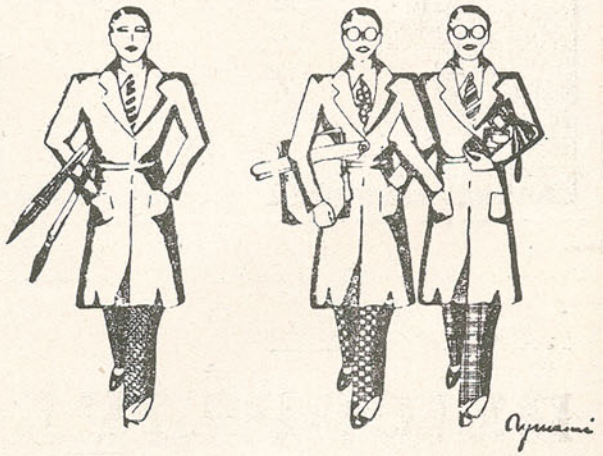
Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GRAVADORES

IMPRESSORES

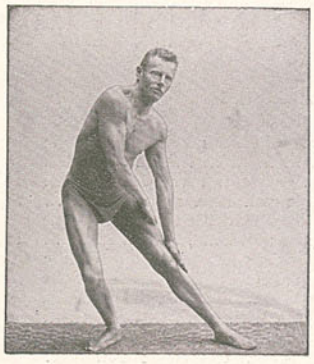


TELEFONE 2 1308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente



A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar físicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL

CASUIDICA E DOUTRINA

Pelo **Prof. SOBRAL CID**

Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do **Prof. Azevedo Neves**

1 vol. de 238 pág., formato 23×15, broc. **Esc. 25$00** = Pelo correio à cobrança **Esc. 27$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de
Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impereciveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Em tomos de 32 páginas, cada tomo . . . 10$00
Cada vol., brochado. . . . . 120$00
„ „ encadernado em percalina . . . 160$00
„ „ „ „ carneira . . . 190$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. . . . 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. . . . 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. . . . 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. . . . 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. . . . 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. . . . 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. . . . 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. . . . 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. . . . 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. . . . 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. . . . 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. . . . 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. . . . 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. . . . 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. . . . 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. . . . 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. . . . 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. . . . 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. . . . 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. . . . 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. . . . 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. . . . 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. . . . 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. . . . 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. . . . 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. . . . 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 – LISBOA

O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis organizada por um grupo de professores e homens de letras

Á VENDA

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reune tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

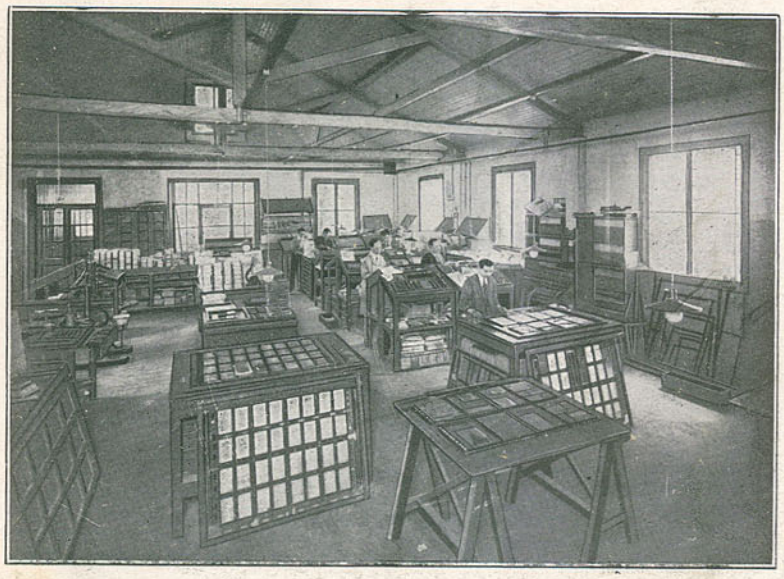
é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, **Esc. 30$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 33$00**

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa



Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 20739

RUA DA ALEGRIA, 30

LISBOA

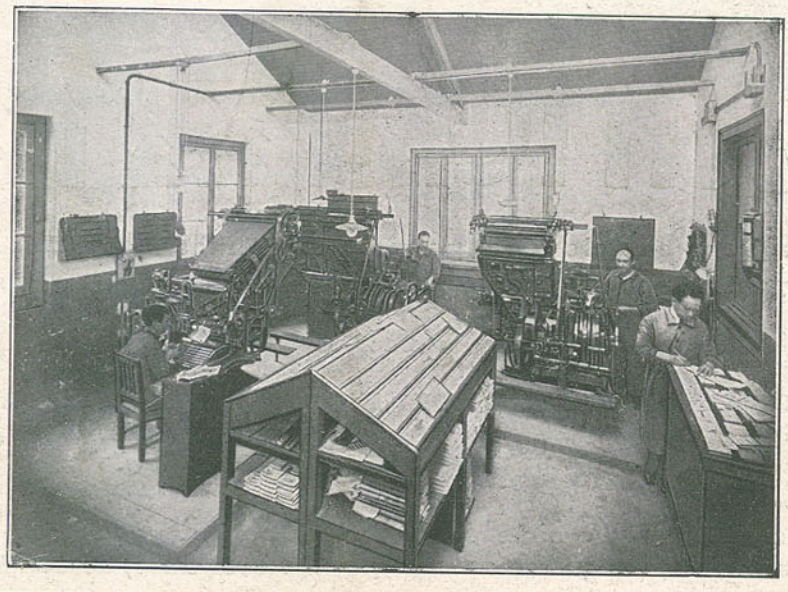
❁

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem

❁

Secção especial de publicações ultra-rápidas

❁



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,

Almanaque Bertrand

e

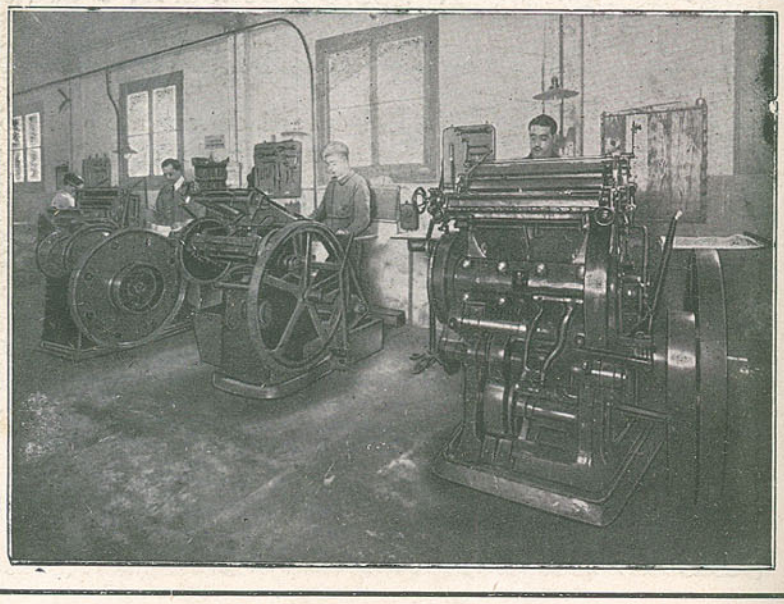
História da Literatura

LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

TRABALHOS COMERCIAIS

INEXCEDÍVEL PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS GRÁTIS



Oficina de impressão